

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



DE PESSOA A FERNANDO A FERNANDO EM PESSOA:
ANÁLISE DA INCAPACIDADE DE AMAR

Carolina Gomes Silva

Dissertação orientada por Professor Doutor Luís Manuel Romano Delgado

Tese Submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de
Professor Doutor Luís Manuel Romano Delgado, apresentada
no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de
grau de Mestre na especialidade em Psicologia Clínica,
conforme despacho da DGES nº 19673/2006 publicado em
Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Professor Luís Delgado pelo interesse e dedicação na orientação deste trabalho. O seu entusiasmo fez-me continuar em frente, quando, por vezes, o caminho parecia demasiado labiríntico. Um especial obrigado por me permitir falar de amor, de poesia, de um grande poeta, num trabalho com liberdade criativa, não fosse este um seminário sobre a criatividade.

O meu segundo obrigado é para todos aqueles, que de forma directa ou indirecta, me serviram de estímulo e inspiração e contribuíram para que este trabalho fosse hoje aquilo que é.

À minha mãe, por ter tornado estes dois últimos anos possíveis, por não desistir da vida e ser um exemplo de coragem e perseverança.

Ao meu irmão por continuar a servir-me de referência.

À Dr.^a Luísa Silva por me acompanhar desde há um ano na caminhada da vida e no meu processo de auto descoberta.

À minha querida amiga Maria Marques e à Anne Marie Belenkova, pela preciosa ajuda com o inglês.

Obrigado por me fazerem acreditar.

É necessário ter o caos cá dentro para gerar uma estrela.

Friedrich Nietzsche

*A maior solidão é a do ser que não ama.
A maior solidão é a dor do ser que se ausenta,
que se defende, que se fecha, que se recusa a participar da vida humana.*

*A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo,
o que não dá a quem pede
o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro.*

*O maior solitário é o que tem medo de amar,
o que tem medo de ferir e ferir-se,
o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo.*

*Esse queima como uma lâmpada triste,
cujo reflexo entristece também tudo em torno.*

*Ele é a angústia do mundo que o reflecte.
Ele é o que se recusa às verdadeiras fontes de emoção,
as que são o património de todos,
e, encerrado em seu duro privilégio,
semeia pedras do alto
de sua fria e desolada torre.*

Vinícius de Moraes

Resumo

A genialidade de Pessoa serviu de estímulo inicial a este trabalho, que pretende abordar a vida e a obra do poeta, sobre a perspectiva da incapacidade de amar. A viagem pelo mundo interior de Pessoa inicia-se na sua biografia. O narcisismo, o amor e a capacidade de estar só servem-nos de enquadramento teórico. A análise da incapacidade de amar e a análise das fragilidades do eu irão ilustrar o porquê do poeta múltiplo ter vivido mergulhado numa profunda solidão.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Amor, Narcisismo

Abstract

It was the genius of Pessoa which served as the initial stimulus for this work, where we aim to address the life and work of the poet, in a perspective of the inability to love. The journey through Pessoa's inner world begins in his biography. The narcissism, the love and ability to be alone give us the theoretical framework. The analysis of the inability to love and the analysis of the weaknesses of one's self will illustrate why the multiple layered poet lived in deep loneliness.

Key-words: Fernando Pessoa, Love, Narcissism

1. Pessoa: vida entre linhas.....	2
2. O narcisismo: uma introdução.....	9
2.1 A lenda.....	9
2.2 O narcisismo e a psicanálise.....	10
2.3 Narcisismo de Vida/ Narcisismo de Morte ou o duelo entre Eros e Thanatos.....	11
2.4 Kohut e a psicologia do <i>self</i>	15
2.5 Kernberg e o narcisismo normal vs patológico.....	17
3. O amor.....	20
4. A capacidade de estar só.....	24
5. Análise da incapacidade de amar.....	27
6. Análise das fragilidades do eu.....	37
6.1 A imagem de si.....	37
6.2 Análise da relação de objecto.....	40
6.3 Análise das angústias.....	44
7. Conclusão.....	49
Referências.....	51
Anexos.....	55

Índice de anexos

Anexo 1	Fotografias do poeta
Anexo 2	Documento dactilografado, retirado da arca deixada pelo poeta
Anexo 3	Carta manuscrita de Pessoa, dirigida a Ofélia Queirós
Anexo 4	Carta manuscrita de Ofélia Queirós, dirigida a Pessoa
Anexo 5	Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues
Anexo 6	Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro

sobre a génese dos heterónimos

*Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas – a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra todos os dias são meus.*
Fernando Pessoa/Alberto Caeiro (1925)



Fernando Pessoa, pintura de Luis Badosa (1997)

1. Pessoa: vida entre linhas

Fernando Pessoa nasceu no dia 13 de Junho de 1888, em Lisboa, pelas quinze horas e vinte minutos. O motivo pelo qual foi baptizado de Fernando António Pessoa, tem dividido críticos e estudiosos, contudo, a perspectiva de maior consenso é a de que Fernando se deveu a uma escolha de ordem familiar - já que a sua família acreditava ainda pertencer à de Fernando de Bulhões - e António em homenagem a Santo António, pelo poeta ter nascido no dia das celebrações, em Lisboa, deste Santo Popular. E, ainda a propósito do dia do seu nascimento, o poeta viria a escrever:

Nasci exactamente no teu dia,
 Treze de Junho, quente dia de alegria
 Cidadino, bucólico e humano,
 Santo dia profano

O seu pai, também ele ligado às artes, era crítico musical de um periódico lisboeta, o Diário de Notícias, e morre de tuberculose, aos 43 anos de idade, quando Pessoa tinha apenas cinco anos, “o que certamente teve repercussões na sua vida e na sua obra” (Murteira França, 1987, p.24). Para exprimir a dor que sentiu, a sua mãe, Maria Madalena, produziu um poema intitulado *Só*:

Triste e só! Duas palavras
 Que encerram tanta amargura
 Ver-se só e sentir n’alma
 O frio da sepultura

Em Janeiro deste mesmo ano de 1893, a mãe dá à luz o seu irmão Jorge, que não chegou a completar um ano de vida, falecendo a Janeiro de 1894. Após estes acontecimentos, a família Pessoa passa por situações económicas delicadas e a sua mãe é obrigada a leiloar a mobília e a mudar-se para uma casa mais modesta. É nesta altura, por volta de 1894, com apenas 6 anos de idade que surge o seu primeiro heterónimo: Chevalier de Pas. Este facto é comprovado, mais tarde, em 1935, ano da sua morte, por uma carta de Fernando Pessoa dirigida a Adolfo Casais Monteiro, a qual transcreveremos aqui em excerto, e na totalidade em anexo (anexo 6), onde expõem a origem dos seus heterónimos.

Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterónimo, ou, antes, o meu primeiro mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a

saudade. Lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já me não ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era, não sei em que, um rival do Chevalier de Pas... Cousas que acontecem a todas as crianças? Sem dúvida – ou talvez. Mas a tal ponto as vivi que as vivo ainda, pois que as relembro de tal modo que é mister um esforço para me fazer saber que não foram realidades. Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação.

No mesmo sentido, a sua meia-irmã Henriqueta Madalena, afirma acerca do poeta: “O Fernando era muito curioso, tinha uma faceta extraordinária que se manifestou muito cedo nele: o seu enorme poder inventivo, tinha uma imaginação dificilmente crível numa criança da sua idade, estava sempre a imaginar histórias (...) desde muito cedo que criava personagens fictícias que ilustravam essas histórias fantásticas. Personagens com nomes até bastante invulgares. Um certo Chevalier de Pas, um Quebranto Oessos, o capitão Thibeaut faziam parte do seu mundo fantasioso” (Murteira França, 1987, p.31).

A comprovar este testemunho da sua meia-irmã Henriqueta Madalena, Pessoa diz-nos:

Tive sempre desde criança, a necessidade de aumentar o mundo com personalidades fictícias, sonhos meus rigorosamente construídos, visionados com clareza fotográfica, compreendidos por dentro das suas almas. Não tinha eu mais que cinco anos e, criança isolada e não desejando senão assim estar, já me acompanhavam algumas figuras do meu sonho – um capitão Thibeaut, um Chevalier de Pas – e outros que já me esqueceram, e cujo esquecimento, como a imperfeita lembrança daqueles, é uma das grandes saudades da minha vida (Pessoa, cit. por Murteira França, 1987, p.32).

No mesmo ano do nascimento do seu irmão Jorge, “Em 1893, tinha ele cinco anos, certa tarde aparecera com as mãos atrás das costas e disse: Mãe, fiz uma quadra dedicada a si, e recitou:

À Minha Querida Mamã:
Eis-me aqui em Portugal
Nas terras onde eu nasci
Por muito que goste d’ellas
Ainda gosto mais de ti

Sem dúvida que estes versos em criança reflectem bem o grande amor que ele tinha pela mãe. Atrever-me-ia a dizer que os dois grandes amores da sua vida foram a mãe e a Pátria” (Murteira França, 1987, p.28).

De facto, podemos considerar estes versos como uma declaração de amor, mas marcada por perdas irreparáveis e por lutos que o pequeno Fernando teve de viver numa fase precoce do seu desenvolvimento: perda do pai e de uma infância feliz com vista para o Tejo, onde ecoavam os sinos da Igreja dos Mártires, uma recordação evocada no poema *Ó sino da minha aldeia* (1911) e afastamento da sua terra natal.

Aos 7 anos de Pessoa, a sua mãe casa-se segunda vez, com o comandante João Miguel Rosa, cônsul de Portugal em Durban (África do Sul), pessoa por quem o poeta nunca viria a nutrir grande simpatia. A família mudou-se então para África. Este acontecimento afectivo da sua infância, vivido em plena fase edipiana, tê-lo-á marcado, certamente, de forma muito profunda (Fonseca, 1990). A sua *Querida Mamã* passara agora a ser dos seus novos irmãos, filhos do casamento, e do seu padrasto. É assim que começa o seu isolamento, mergulhado em profundos momentos de reflexão.

Aos 8 anos do poeta nasce a sua meia-irmã Henriqueta Madalena, aos 10 a sua outra meia-irmã Madalena Henriqueta, que morreu com dois anos e meio de meningite. Quando tinha 11 anos nasce outro meio-irmão, Luís Miguel. Aos 14 anos nasce João Maria e aos 15 Maria Clara, que morreu com dois anos de idade.

Na África do Sul é-lhe dada uma educação Britânica, o que fez com que os seus primeiros textos e estudos tenham sido realizados em inglês. E é através desta língua que Pessoa se familiariza com Shakespeare, Allan Poe, John Milton, Lord Byron, John Keats, Percy Shelley e Alfred Tennyson. Traduziu trabalhos como *O Corvo* de Allan Poe.

Ao iniciar o ensino primário realizou em dois anos o equivalente a quatro. Já nesta altura Pessoa se distinguia.

Em 1899, com apenas 11 anos, cria o pseudónimo Alexander Search. Search foi criado para se corresponder com Pessoa. Neste momento já nos podemos dar conta do vazio que o poeta sentia e que tentou colmatar com Search. A sua meia-irmã Henriqueta Madalena, descrevera-o, mais tarde, como um moço “bastante tímido, introvertido e reservado, mas com uma personalidade muito forte, e um sonhador com uma prodigiosa imaginação” (Murteira França, cit. por Fonseca, 1990, p. 84). Ainda segundo a sua meia-irmã, era essa imaginação prodigiosa que o levava a criar personagens fictícias.

É em 1901 que Pessoa escreve os seus primeiros poemas em inglês. Já em Portugal nasce mais um irmão, o quarto do segundo casamento de sua mãe. Em Tavira, aquando visita a familiares paternos escreve *Quando Ela Passa* (1902), dedicado à sua irmã Madalena Henriqueta, que faleceu com dois anos e meio, de meningite (Murteira França, 1987).

Quando eu me sento à janela
 Pl'os vidros que neve embaça
 Vejo a doce imagem d'ela
 Quando passa... passa.... passa...

Lançou-me a mágoa seu véu:
 - Menos um ser neste mundo

E mais um anjo no céu

Quando eu me sento à janela
 Pl'os vidros que a neve embaça
 Julgo ver a imagem d'ela
 Que já não passa... não passa...

Em 1903 candidata-se à Universidade do Cabo da Boa Esperança e, apesar de não ter ficado bem classificado no exame de admissão, foi o melhor entre 899 candidatos no ensaio de inglês, o que o fez ser premiado com o *Queen Victoria Memorial Prize*. Em 1904 surgem os heterónimos Charles Robert Anon e H. M. F. Lecher. Nesta altura, era já considerado um jovem bastante culto, pois escrevia em três línguas diferentes: o português, o inglês e o francês (Fonseca, 1990).

Regressa definitivamente a Portugal, e a Lisboa, com 17 anos, em 1905. Nesta altura vai viver com a avó Dionísia e com duas tias maternas: Rita e Maria. Pessoa afeiçoou-se especialmente a Maria, que descrevia como “uma pessoa de dotes literários, céptica em religião, aristocrática e de espírito varonil” (cit. por Fonseca, 1990, p. 85). Neste mesmo ano, a mãe e o padrasto regressam a Portugal para férias e durante esse período Pessoa reside com eles.

O seu regresso a Portugal, faz-se numa altura de grande instabilidade política e social, o que fez com que o jovem poeta viesse a ressentir-se, como nos revela o seu texto *ultimatum*, publicado em 1890, sob o heterónimo de Álvaro de Campos:

Mandado de despejo aos mandarins da Europa! Fora. Fora tu, Anatole-France, Epicuro de farmacopeia-homeopática, ténia-Jaurès do Ancien-Régime, salada de Renan-Flaubert em louça do século dezassete, falsificada!

Fora tu, Maurice-Barrès, feminista da Acção, Chateaubriand de paredes nuas, alcoviteiro de palco da pátria de cartaz, bolor da Lorena, algibebe dos mortos dos outros, vestindo do seu comércio! (...) (cit. por Fonseca, 1990, p. 85).

Álvaro de Campos surge-nos, mais uma vez, com um poema ilustrativo da desinserção e desorientação do poeta:

Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
 Outra vez te revejo...
 Com o coração mais longínquo, a alma menos minha...
 Estrangeiro aqui como em toda a parte...

Em 1906 matricula-se no Curso Superior de Letras, contudo, abandona-o sem sequer completar o primeiro ano. Demonstra interesse pelas obras de Cesário Verde e pelos sermões de Padre António Vieira.

Aos 19 anos, a sua avó Dionísia, com quem vivia, e que enlouquecera anos antes, morre.

Em 1912 inicia a sua actividade de ensaísta e crítico literário com a publicação na revista *Águia*, do artigo *A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada*. Contudo, este e o ano seguinte viriam a ser de crise para o poeta, uma crise que se agudiza com a ida de Sá Carneiro, seu amigo íntimo, para Paris, e com quem manteria correspondência assídua. Numa das suas cartas a Sá Carneiro, Pessoa escreve assim: “Cada vez estou mais só, mais abandonado. Pouco a pouco quebraram-se-me todos os laços. Em breve ficarei sozinho”. Podemos colocar a hipótese de que os acontecimentos vividos, tanto na infância como na juventude (morte do pai, do irmão, casamento da mãe com um homem que nunca ganhou a sua simpatia, a avó que enlouquece e posteriormente morre, regresso a um país instável e conturbado), foram propulsores que levaram ao desenvolvimento de uma personalidade fragmentada e frágil, mas que também o lançaram numa intensa e febril actividade literária (Fonseca, 1990). O que podemos perceber, pelas palavras do poeta dirigidas a Mário Beirão, numa carta de 1913:

Estou actualmente numa daquelas fases a que, quando se dão na agricultura, se costuma chamar crise de abundância. Tenho a alma num estado de rapidez ideativa tão intenso que preciso fazer da sua atenção um caderno de apontamentos, e, ainda assim, tantas são as folhas que tenho a encher que algumas se perdem, por serem elas tantas, e outras se não poderem ler depois, por com mais que muita pressa escritas.

Após este êxtase criativo e produtivo seguiu-se um período depressivo, do qual Bernardo Soares foi rosto.

Homem de contradições, afirmava por um lado “Como todo o indivíduo de grande mobilidade mental, tenho um amor orgânico e fatal à fixação. Abomino a vida nova e o lugar desconhecido” (Bernardo Soares, 1982). Para o poeta “mudar é uma morte parcial; morre qualquer coisa de nós” (Zenith, 2008, p. 109). Contudo, a insatisfação fê-lo mudar de casa inúmeras vezes. Pessoa buscava um lar, mas sentia-se *Estrangeiro aqui como em toda a parte...* (Álvaro de Campos, 1890).

Em Outubro de 1935 escreve a Thomaz Ribeiro Colaço:

Desde o ano passado, tenho estado sob o influxo de estados nervosos de diversas formas e feitios, que por um longo período me arrancaram da vontade até o desejo de não fazer nada. Tenho-me sentido numa espécie de filme psíquico de um manual de psiquiatria, secção psiconeuroses.

É internado a 29 de Novembro de 1935, no Hospital de São Luís dos Franceses, com diagnóstico de “cólica hepática”, falecendo no dia seguinte, aos 47 anos. Nos últimos momentos da sua vida pede os óculos e clama pelos seus heterónimos. A sua última frase é escrita em inglês: *I know not what tomorrow will bring.*

*Paro à beira de mim e me debruço...
Abismo... E nesse abismo o Universo
(...)*

Fernando Pessoa

Quando Narciso morreu, vieram as Oreiades - deusas do bosque - e viram o lago transformado, de um lago de água doce, num cântaro de lágrimas salgadas.

- Porque choras? - perguntaram as Oreiades.

- Choro por Narciso - disse o lago.

- Ah, não nos espanta que chores por Narciso - continuaram elas.

- Afinal de contas, apesar de todas nós sempre correremos atrás dele pelo bosque, tu eras o único que tinha a oportunidade de contemplar de perto sua beleza.

- Mas Narciso era belo? - perguntou o lago.

- Quem mais para além de ti poderia saber isso? - responderam, surpreendidas, as Oreiades.

- Afinal de contas, era nas tuas margens que ele se debruçava todos os dias.

O lago ficou algum tempo em silêncio. Por fim, disse:

- Eu choro por Narciso, mas jamais havia percebido que Narciso era belo.

Choro por Narciso porque, todas as vezes que ele se deitava sobre as minhas margens eu podia ver, no fundo dos seus olhos, a minha própria beleza reflectida.

Oscar Wilde



Narciso e Eco, quadro de Nicolas Poussin (1629-1630).

2. O Narcisismo: uma introdução

2.1 A Lenda

Na tradição grega, o termo narcisismo designa o amor de um indivíduo por si mesmo. Este termo, para além de ter sido tornado célebre na terceira parte da obra *Metamorfoses*, escrita por volta do ano 14, pelo poeta latino Ovídeo, surge também da superstição grega, segundo a qual, contemplar a própria imagem era prenúncio de má sorte. Estes mitos foram transmitidos à cultura ocidental por intermédio dos autores renascentistas.

Metamorfoses conta a história de Narciso, filho do deus Céfiso, protector do rio com o mesmo nome, e da ninfa Liríope. Narciso era um jovem dotado de uma beleza singular, mas que desprezava o amor. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias profetizou que Narciso teria vida longa, desde que jamais contemplasse a própria imagem. Com a sua beleza atraiu o desejo de muitas ninfas, entre elas, Eco, por si rejeitada. Desesperada, Eco retirou-se do mundo, não tendo mais gosto por nada, deixando até de se alimentar, definhando até não ser mais do que uma voz. Ainda assim, à Deusa Némesis que a vingasse. Assim, Narciso, durante uma caçada, parou junto a uma fonte de águas claras. Olhando-as, viu-se reflectido e supôs estar a ver outro ser. Paralisado, nunca mais conseguiu desviar os olhos do seu próprio rosto. Apaixonado por si mesmo, Narciso mergulhou os braços na água para abraçar aquela imagem, que não parava de se esquivar. Torturado por esse desejo impossível, chorou e acabou por entender que era ele mesmo o objecto do seu amor. Contemplou a sua imagem, definhando até à morte. No lugar onde morrera surgiu uma flor, ainda hoje conhecida pelo nome de Narciso (Chabert, 2000).

Outras versões defendem que fora narciso o rejeitado por Eco, e que essa rejeição o levou a uma retirada psicótica na contemplação da sua própria imagem, até à morte (Coimbra de Matos, 2007).

Deste mito podem destacar-se os aspectos essenciais do narcisismo:

Por um lado o amor objectal que é substituído pelo amor narcísico, isto é, o retraimento do investimento libidinal, que iremos verificar na obra de Pessoa;

A busca desenfreada de uma imagem de si ideal, que nos é dada pela imagem de Narciso a debruçar-se sobre o seu reflexo, na busca dos aspectos ilusórios, efémeros e inatingíveis desse reflexo;

A ameaça de morte devido ao retraimento e desinvestimento objectal, e as consequentes implicações ao nível da imagem de si (Chabert, 2000).

2.2 O narcisismo e a Psicanálise

O termo narcisismo deriva da mitologia grega e refere-se ao amor por si mesmo ou pela imagem de si. O narcisismo adquire um vasto número de acepções, desde as pioneiras de Freud, às mais actuais. Havelock Ellis (1898) foi o primeiro a aludir ao mito de Narciso, para se referir a mulheres fascinadas pela sua própria imagem. Mas foi Paul Näcke que, em 1899, introduziu pela primeira vez o termo narcisismo, no campo da psiquiatria, para designar um estado de amor por si mesmo, que constituiria uma perversão. Assim, o narcisismo definia a atitude de um sujeito que trata o seu próprio corpo da mesma forma que deveria tratar o objecto sexual — que se contempla e acaricia até obter satisfação completa através desses actos (Freud, 1914). Desta forma, o narcisismo toma o significado de uma perversão que absorve a totalidade da vida sexual do indivíduo.

Freud utilizou pela primeira vez este termo em 1910, no seu trabalho *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, para explicar o comportamento homossexual, onde estes sujeitos se tomam a si mesmos como objectos sexuais, e procuram objectos semelhantes a si, para amar como a sua mãe os amou (Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise, 2001).

Um ano mais tarde, Freud utilizou o termo *narcisismo primário* para definir uma fase do desenvolvimento psicosexual que sucede ao auto-erotismo e antecede a fase do amor de objecto, onde há um investimento da libido sobre o próprio ego, e o sujeito toma o seu próprio corpo como fonte e objecto de prazer.

O *narcisismo secundário* refere-se ao movimento regressivo da energia pulsional, que depois de ter sido investida num objecto externo ao sujeito, retoma o seu lugar original no Ego. Este movimento dá-se quando os objectos externos não conseguem colmatar as necessidades do sujeito (Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise, 2001). O outro passa a ser visto como falhante e não merecedor de investimento libidinal.

A passagem da libido narcísica primária para os objectos dá-se quando o investimento do Ego ultrapassa uma determinada medida, pois o investimento libidinal no Ego preserva da doença, mas também é necessário amar para que não se adoça. Para Freud, o ser humano tem dois objectos sexuais originários: ele próprio – no narcisismo primário – e a mãe que lhe presta cuidados – numa fase posterior do desenvolvimento.

De acordo com Freud, a libido do Ego opõem-se à libido de objecto, contudo a libido é única, o que faz com que o aumento de uma corresponda à diminuição da outra. Quando um sujeito investe de tal forma num objecto, esquecendo-se de si mesmo, há um híper investimento da libido objectal, em detrimento da libido do Ego. É, portanto, função do aparelho psíquico tentar regular, harmonizar e equilibrar a dinâmica entre a libido do Ego e a libido objectal, entre o narcisismo e a relação de objecto.

Do ponto de vista pulsional, o narcisismo permite uma primeira unificação das pulsões sexuais, que se dá em torno do eu. Até então, observa-se um predomínio da sexualidade infantil, caracterizada pela parcialidade no funcionamento das zonas erógenas. Numa fase em que as pulsões sexuais se satisfazem de forma independente umas das outras, o ego é tomado como objecto de amor, num movimento de unificação pulsional, em torno de uma imagem integrada. O narcisismo infantil coincide com o surgimento do Ego enquanto unidade psíquica e representação do corpo (Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise, 2001).

No seu trabalho de 1917, *Luto e Melancolia*, Freud afirmou que o narcisismo podia ainda ser tomado como um tipo de identificação, no qual perante a perda de um objecto, o *self* se transforma à imagem e semelhança do objecto perdido, com o objectivo dessa perda poder ser compensada (Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise, 2001).

De forma generalizada, o narcisismo pode, portanto, ser considerado como um sentimento de valorização de si mesmo, enquanto percepção da sua auto-imagem e auto-estima, abarcando também a ressonância que estes factores têm na relação com o outro (Coimbra de Matos, 2007).

O narcisismo passou, assim, a ser um elemento regular no desenvolvimento, ligado às pulsões de auto-conservação e comum a todos os sujeitos.

2.3 Narcisismo de Vida/ Narcisismo de Morte ou o duelo entre Eros e Thanatos

Na mitologia grega Eros é o Deus do amor. Hesíodo, poeta grego, considerou-o filho de Caos, portanto um deus primordial. Eros é descrito como muito belo e irresistível, e é-lhe

atribuído um papel unificador e coordenador dos elementos, o que contribui para a passagem do caos ao cosmos.

Thanatos é filho de Nix, Deus da noite, e Érebro, representante da escuridão do mundo inferior, e irmão gémeo de Hípnos, personificação do sono. Thanatos é a personificação da morte, que nasceu em 21 de Agosto, tinha essa data como preferida para arrebatam vidas. Os irmãos gémeos habitavam os Campos Elísios, País de Hades, o lugar do mundo subterrâneo.

Thanatos é muitas vezes representado por uma nuvem prateada que arrebatam a vida dos mortais, ou por um homem de cabelos e olhos prateados. O seu papel na mitologia grega é acompanhado por Hades, o deus do mundo inferior.

Em 1920, no seu trabalho *Além do Principio do Prazer*, Freud defendeu que as pulsões de morte dirigiam o indivíduo para a morte – seriam autodestrutivas – e que, só através das pulsões de vida é que a pulsão de morte seria projectada para objectos externos, sobre a forma de impulsos destrutivos. É por este motivo que as pulsões de morte não podem ser observadas na sua essência original, visto que, só se manifestam enquanto processo destrutivo, dirigido a objectos externos, com o auxílio da pulsão de vida, mas também se manifestam contra o *self*. Assim, as pulsões de vida e de morte estão intrincadas de diferentes formas e em diferentes graus, nunca existindo na sua “forma pura”.

A desintrinsicção das pulsões pode provocar graves consequências no funcionamento saudável do sujeito. Desta forma, Freud (1937) afirma que “somente pelas acções concorrentes ou mutuamente opostas das duas pulsões primárias – Eros e pulsão de morte – nunca só por uma ou pela outra, é que podemos explicar a enorme multiplicidade dos fenómenos da vida” (p. 259).

Assim, Freud sugere-nos que analisemos o conflito mental de acordo com esta perspectiva de constante luta entre os impulsos libidinais e os impulsos destrutivos.

Muitos autores, ao referirem-se ao sujeito narcísico, descrevem-no como tendo uma atitude de superioridade, hostil, desconfiada, mas aparentemente cooperante, com marcados sentimentos de inveja, destruição e comportamento provocatório. No mesmo sentido, Freud (1937) afirma “não há impressão mais forte das resistências durante o trabalho analítico, do que a da existência de uma força que se defende por todos os meios possíveis da cura e que está absolutamente decidida a agarrar-se à doença e ao sofrimento” (p. 239).

É esta a expressão da pulsão de morte. À pulsão de morte são ainda atribuídas as resistências dos estados de inércia e nas reacções terapêuticas negativas (Freud, 1937).

No seu trabalho *Os instintos e suas vicissitudes* (1915), Freud demonstrou haver uma importante relação entre o estado narcísico de prazer e o ódio, e a destruição de objectos externos, quando estes atormentam o indivíduo e se tornam ameaçadores. Assim, afirma “quando, durante o estágio do narcisismo primário, o objecto começa a aparecer, o avesso subordinado do amor, isto é, o ódio, também atinge o seu desenvolvimento” (p. 141).

Klein (1937) foi quem descreveu os primeiros mecanismos infantis de clivagem do objecto e do ego, que permitem ao ego da criança manter o amor e o ódio clivados. Reforçou os aspectos libidinais do narcisismo e referiu que o narcisismo é um fenómeno apenas secundário que se baseia numa relação com um bom objecto introjectado ou ideal, que na fantasia da criança faz parte do corpo e do *self* amados. Assim, nos estados narcísicos haveria um retraimento relacional em detrimento de uma identificação com um objecto interno idealizado. Para Klein a ansiedade surge da acção da pulsão de morte, que é sentida como um medo de aniquilação. Com o objectivo de se defender desta ansiedade o ego primitivo projecta parte da pulsão de morte para o interior do objecto, tornando-o persecutório, enquanto uma outra parte da pulsão de morte que é retirada do ego dirige a sua agressividade contra o objecto externo persecutório. O mesmo acontece com a pulsão de vida que ao ser projectada para o interior de objectos externos, torna-os ideais e possíveis de serem amados. É este o movimento realizado pelo ego da criança: cliva o bom do mau objecto, o que faz com que as pulsões sejam mantidas num estado de desunião.

Ao mesmo tempo o *self* é clivado, o que faz com que as pulsões permaneçam clivadas. A projecção e a introjecção actuam a favor das pulsões, assim a introjecção leva o ego a internalizar bons objectos internos, isto é, objectos essenciais à vida. É este o processo que contribui para a intrincação pulsional.

Klein (1937) defende que na posição esquizo-paranóide dá-se uma clivagem não só do objecto, como do *self*, assim, é nesta fase que surgem os estados mais puros de desintrincação pulsional, que podem ser observados nas situações clínicas em que predominam os mecanismos esquizoparoides.

No seu trabalho clínico com crianças observou inúmeras vezes uma constante luta entre uma necessidade de destruir o objecto e o desejo de preservá-lo, assim sentiu que a teoria de Freud acerca das pulsões de vida e de morte fornecia uma preciosa perspectiva compreensiva desta luta.

Nas suas considerações acerca da inveja, concluiu que este seria “um derivado directo da pulsão de morte” (cit. por Rosenfeld, 1971, p. 248). A inveja surgiria, assim, como uma força hostil, dirigida ao seio bom, devido à dependência da criança, mas também por este seio

bom e nutridor conter tudo aquilo que a criança necessita. Ao invejá-lo a criança quer esvaziá-lo, transferindo para si tudo aquilo de que necessita, deixando de ser dependente.

Importa referir que, devido ao poder destrutivo que a inveja poderá ter, ela é desde logo clivada do ego, por ser insuportável a este. A clivagem é um mecanismo de defesa normal nesta fase primitiva, e tem como objectivo proteger o *self* e o objecto do perigo de aniquilação dos impulsos destrutivos que derivam da pulsão de morte.

Na luta entre Eros e Thanatos, pode haver uma fusão patológica, se os impulsos destrutivos estiverem muito reforçados, enquanto na fusão normal, os impulsos destrutivo ficam atenuados (Rosenfeld, 1971).

A consciência da separação faz com que o sujeito tenha a percepção da sua dependência perante o objecto. Esta dependência leva a um sentimento de frustração e estimula a inveja, pois o sujeito percebe que o objecto possui aquilo que ele necessita e deseja para si. Rosenfeld (1971) sugere que o abandono da posição narcísica só se dá quando a agressividade é dirigida aos objectos externos e que uma relação objectal onipotente está ligada aos impulsos destrutivos invejosos.

Relativamente aos aspectos libidinais do narcisismo, Rosenfeld (1971) salienta a sobrevalorização do *self*. Esta idealização do *self* é sustentada por identificações projectivas e introjecções onipotentes de bons objectos e das suas qualidades, o que faz com que o sujeito narcísico sinta que tudo o que tem valor faz parte de si ou é controlado por si.

Quanto aos aspectos destrutivos do narcisismo, Rosenfeld (1971) diz-nos haver de novo uma idealização do *self*, mas desta vez das partes destrutivas do *self*. Estas partes destrutivas do *self* exercem um grande poder, impedindo o sujeito de estabelecer relações objectais dependentes, e desvalorizando com frequência os objectos externos, “o que é responsável pela aparente indiferença do indivíduo narcisista em relação aos objectos externos e ao mundo” (p. 250), o que faz com que as partes libidinais do *self*, que desejam estabelecer relações objectais, permanecem subjugadas.

Esta secção tem explanado acerca dos aspectos libidinais e agressivos do *self*. Importa referir que pulsão de vida e pulsão de morte coexistem em permanente duelo e em diferentes graus. Assim, quando os aspectos libidinais predominam, a agressividade torna-se aparente e a idealização do *self* onipotente é ameaçada pelo contacto com um objecto externo, percebido como exterior e não pertencente ao *self*. O sujeito narcísico sente-se humilhado ao perceber que é o objecto externo que é possuidor das qualidades que ele atribuía a si mesmo, “aos seus próprios poderes criativos” (Rosenfeld, 1971, p. 250).

Numa fase mais precoce do desenvolvimento, o sujeito narcísico acredita ter sido ele a dar a vida a si mesmo e ser capaz de se alimentar e cuidar sozinho, sem o auxílio do objecto externo. Posteriormente, ao defrontar-se com a dependência do objecto, o sujeito narcísico prefere morrer, deixar de existir, negando o seu nascimento a partir do outro (Rosenfeld, 1971). Nestas situações estamos perante o que Freud determinou de pulsão de morte no seu estado “puro”, isto é, a pulsão de morte encontra-se desintricada da pulsão de vida, tendo prevalência sobre esta. Esta situação ocorre devido à acção das partes invejosas agressivas do *self*, que estão clivadas e desintricadas do *self* libidinal (Rosenfeld, 1971), matando a capacidade e possibilidade de amar e a criatividade do sujeito.

Muitas vezes, o sujeito narcísico comporta-se como se a perda de qualquer objecto de amor o deixasse indiferente ou significasse mesmo, uma espécie de triunfo, por negar a dependência do objecto.

Parece que estes pacientes lidaram com a luta entre seus impulsos destrutivos e libidinais, tentando livrar-se de sua preocupação e amor por seus objectos, matando seu self dependente e amoroso e identificando-se quase que inteiramente com a parte narcísica destrutiva do *self*, que lhes fornece uma sensação de superioridade e auto-admiração (Rosenfeld, 1971, p. 251).

Muitas vezes, o contacto com o outro significa o enfraquecimento da superioridade narcísica onipotente e traz à consciência “uma inveja esmagadora que tentava rigorosamente evitar pelo distanciamento” (Rosenfeld, 1971, p. 252).

2.4 Kohut e a Psicologia do *self*

Kohut defendeu que o narcisismo, durante o desenvolvimento do sujeito, segue uma evolução paralela e independente da libido objectal, embora depois ambas mantenham conexões íntimas entre si, para que o narcisismo adquira uma função estruturante e pode, posteriormente, vir a sofrer transformações úteis como a empatia, a sabedoria, o humor, a criatividade ou a aceitação da finitude da vida.

Kohut (cit. por Bateman & Holmes, 1998) referiu-se a um narcisismo normal e estruturante, que ao longo da vida pode ser alvo de sublimações, como a criatividade.

Este autor deu um importante contributo ao estudo do narcisismo através da teoria da psicologia do *self*.

A teoria do *self* centra-se essencialmente nos efeitos que a negação, a frustração e a realização de desejos têm no desenvolvimento do *self*. De acordo com o autor (cit. por Bateman & Holmes, 1998), o *self* emerge das representações mentais dentro do Ego, constituindo uma elaboração da ideia de representação de si mesmo. O *self* seria, assim, “uma estrutura supra-ordenada com as suas próprias linhas de desenvolvimento que inclui os desejos instintivos e as defesas” (Bateman & Holmes, 1998, p. 41).

Kohut defendeu a existência de uma linha de desenvolvimento própria e independente para o narcisismo, anterior ao desenvolvimento da psicosexualidade, onde estaria o núcleo central de desenvolvimento e organização da vida psicológica. O mais importante para este autor é a procura da coesão do *self*, sentimento básico da essência humana, organizado e organizador do narcisismo.

Kohut (cit. por Bateman & Holmes, 1998) enfatiza a necessidade de respostas empáticas e confirmatórias por parte dos objectos do *self*, ao longo da vida do sujeito.

O conceito de objecto do *self* adquire aqui especial importância, pois é a partir do outro, isto é, em relação, que é possível ao sujeito desenvolver-se de forma saudável e não patológica. O outro não possui contornos anaclíticos, mas sim de complementaridade, no sentido do espelho que só reflecte uma imagem quando há um outro para reflectir.

Apoiando-se na noção de narcisismo primário de Freud (cit. por Bateman & Holmes, 1998) Kohut assinalou a importância do amor-próprio para a saúde psicológica, e considerou as perturbações narcísicas o resultado de defeitos no *self*, devido à falta de empatia parental.

Para Kohut (cit. por Fabião, 2007) é a integração falhada do *self* grandioso que forma a base da perturbação narcisista.

Kohut (cit. por Fabião, 2007) defende a existência de um núcleo narcisista irrealista, que mantém o sujeito afastado da realidade, através de mecanismos defensivos como o recalçamento, isolamento e a negação.

A proposta deste autor é a que, nas perturbações narcisistas, se dá a *divisão vertical da psique* (Fabião, 2007). De acordo com esta proposta, o narcisista não conseguiria abdicar da convicção da sua existência enquanto *self* grandioso, comportando-se como tal e negando a realidade, ao mesmo tempo que o Eu realista seria incapaz de aceitar os aspectos conscientes clivados da grandiosidade (Fabião, 2007).

Nos casos de divisão vertical da psique, existe uma alternância entre estados de grandiosidade, onde o sujeito nega a necessidade de aprovação por parte do outro, e estados de sentimentos manifestos de vazio e de baixa auto-estima (cit. por Fabião, 2007), quando a frágil camuflagem da grandiosidade por momentos se esbate.

Kohut (cit. por Fabião, 2007) defende que a angústia essencial destes pacientes é a de fragmentação do *self*, o que faz com que o *self* grandioso actue de forma a evitar a fragmentação e no sentido da manutenção da coesão.

2.5 Kernberg e o narcisismo normal vs patológico

Em 1984, Kernberg propõem uma nosografia do narcisismo, com explanações acerca do narcisismo normal do adulto, do narcisismo infantil, enquanto fase do desenvolvimento e do narcisismo patológico.

Para Kernberg o narcisismo patológico só pode ser compreendido no contexto das vicissitudes derivadas dos instintos libidinais e agressivos.

Este autor,

Destaca-se de Kohut ao afirmar que o narcisismo patológico não é uma situação em que meramente se investe libidinalmente mais o *self* do que o objecto e a sua representação; é também uma situação em que se investe libidinalmente uma estrutura patológica do *self* (Fabião, 2007, p. 124).

Assim, defende que a estrutura das personalidades narcisistas não deve ser entendida apenas em termos de fixação a um nível normal do desenvolvimento precoce ou da falência do desenvolvimento de certas estruturas psíquicas; pois deve considerar-se igualmente como consequência de um desenvolvimento patológico do Eu e do Supereu, como consequência de um desenvolvimento patológico do *self* (Fabião, 2007).

Ainda assim, para este autor, o *self* grandioso patológico protege o sujeito de conflitos intrapsíquicos intensos, que são comuns na patologia *borderline*.

Kernberg defende que no narcisismo patológico existiria um investimento libidinal não numa estrutura integrada do *self*, mas numa estrutura grandiosa do self: o self grandioso, que conteria representações do self real, do self ideal e do objecto ideal; e seria esta fusão patológica que impediria a integração do Supereu (Fabião, 2007).

Esta fusão patológica dar-se-ia devido ao aumento patológico da agressão oral, que pode advir de graves frustrações nos primeiros anos de vida, de intolerância à ansiedade de origem constitucional ou de uma forte pulsão agressiva também de origem constitucional (Fabião, 2007).

Kernberg identificou “pais frios, com uma agressividade encoberta mas intensa” (cit. por Fabião, 2007, p. 125), que estabelecem relações frustrantes com as crianças, provocando nelas uma “intensa frustração oral, ressentimento e agressão” (cit. por Fabião, 2007, p. 125).

A onnipotência surgiria, assim, devido à desvalorização da relação objectal, que se revelou frustrante, com o objectivo de proteger o sujeito da necessidade dessa relação pouco satisfatória.

*Amar é pensar.
E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.*
Alberto Caeiro

*Nunca amamos alguém. Amamos tam somente a
Idéa que fazemos de alguém. É um conceito nosso,
É a nós mesmos que amamos
Amar é cansar-se de estar só; é uma cobardia,
Portanto, é uma traição a nós próprios
(importa soberanamente que não amemos)*
Bernardo Soares (1913)

3. O amor

De acordo com uma perspectiva evolutiva e etológica, Edgar Morin (1979) considerou que o amor deu os seus primeiros passos ao mesmo tempo que o homínido desenvolveu a verticalização e a locomoção bípede. A partir desta altura começou a haver uma valorização do rosto, promovendo a individualização das características fisionómicas, o aumento da intimidade, da atracção, da diferenciação entre as famílias, e os indivíduos passaram a ter relações mais constantes. Os olhos e a boca ganharam dimensões eróticas. A relação sexual passou a ser realizada face a face e a anatomia ganhou contornos mais atractivos. O facto da nova postura deixar as partes mais vulneráveis do corpo desprotegidas, fez com que o acto sexual passasse a ser compreendido como um acto de confiança.

Durante o acto sexual, agora frente a frente, descobriram o beijo que representa a mistura entre dois seres, e que, segundo Morin (1979), de forma simbólica e arcaica, significava a “troca de almas”, troca de fluidos que acontece no contacto boca a boca. Assim, o sexo deixou de ser um simples acto, comum entre primatas, passou a ser mais pessoal, implicando intimidade e entrega profunda, onde os parceiros se tornavam unos e cúmplices.

Autores evolucionistas defendem que o amor está longe de ser um fenómeno da cultural ocidental, afirmando-se como uma emoção universal na escolha mútua de parceiros a longo prazo (Buss, 2009).

Na psicanálise o conceito de amor está ligado ao duelo entre Eros e Thanatos, cada um, representando, respectivamente, as pulsões de vida e as pulsões de morte. E é desta disputa que podem resultar as diversas formas de um sujeito amar e ser amado (Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise, 2001).

O amor não tem um lado apenas saudável, podendo adquirir contornos sadomasoquistas, simbióticos, narcisistas ou alienantes.

Um grande número de teorias sobre o amor é baseada na concepção de que o amor comporta, pelo menos, dois aspectos, que são, a atracção sexual para com parceiros românticos, e a proximidade psicológica não sexual, sendo esta última caracterizada pelo respeito e preocupação para com o parceiro (Masuda, 2003), ou seja, pela amizade.

A leitura de Fehr (1988) acerca da concepção freudiana de amor, fá-lo ver como a idealização e o enamoramento por outro, resultado da compensação de uma frustração provocada pelo desejo bloqueado de união sexual.

Por outro lado, Fromm (cit. por Fehr, 1988) concebe este sentimento como um dispositivo utilizado para reduzir o sentimento de isolamento e solidão de um indivíduo.

A visão romântica de Sternberg (1997) fá-lo afirmar que os amantes podem muitas vezes ser iludidos, mas que ao serem-no, estão apenas a espelhar o fenómeno do amor em si mesmo. Para Sternberg (1997) poucos constructos psicológicos são tão ilusórios como o constructo do amor, o que, ainda assim, não produz efeitos desencorajadores para investigadores, poetas ou filósofos, uma vez que já diversos autores se propuseram a capturar a essência do amor, através de um longo rol de teorias explicativas do fenómeno.

Os psicólogos que participam activamente no esforço multidisciplinar para desenvolver a ciência dos relacionamentos, fazem-no porque acreditam que o contexto omnipresente das relações humanas influencia fortemente o comportamento de cada indivíduo, bem como o seu desenvolvimento ao longo da vida (Reis, Collins & Bersheid, 2000).

Freud deu grande relevância aos aspectos libidinais inerentes ao amor. Assim, lançou as primeiras sementes teóricas da distinção entre o desejo e o amor afirmando que “muitos homens não podem desejar a mulher que amam, nem amar aquelas que desejam” (Freud, 1914, p. 86). No que se refere à escolha de um objecto homossexual Freud distingue dois tipos: a escolha de um objecto de tipo anaclítico, onde o sujeito busca um apoio materno; ou de tipo narcísico, onde o sujeito procura no outro aquilo que ele próprio é (Freud, 1914). Em estudos posteriores Freud aborda o destino das pulsões sexuais e destaca que frequentemente o amor se transforma em ódio ou se mistura com este.

Já Bion demonstrou a importância do aspecto vinculativo do amor. Assim, definiu três tipos de vínculo: o de amor (Love), o de ódio (Hate) e o de conhecimento (Knowledge). As teorias psicanalíticas basearam-se durante muito tempo em apenas dois vínculos, o de amor e o de ódio. Bion veio introduzir um terceiro, o de conhecimento. Assim, para além do conflito intrapsíquico entre o amor e o ódio, surge também o conflito entre as emoções e as antiemoções.

Lacan estudou o narcisismo do amor humano, resultante da etapa do espelho, na qual a criança está alienada na imagem que a mãe lhe reflecte de si mesma, assim, a criança ama na mãe a imagem de si. Esta imagem integrante, é um esboço do futuro, enquanto organizador do seu esquema corporal, e fundamental para o desenvolvimento de uma unidade psíquica coesa.

Kohut defendeu que muitas formas de amar resultam da busca de alguém que preencha as falhas empáticas primitivas.

Bleichmar (1987), defende que a exigência egóica de se ser amado, desenvolve-se a partir de uma necessidade de satisfação narcísica. Tal necessidade de satisfação, agirá no psiquismo como uma espécie de actividade pulsional, sendo sempre convocada a ser

satisfeita, acompanhando o sujeito por toda sua vida, levando-o a ultrapassar e superar as tendências pulsionais parciais.

Klein (1937) advogou que o amor que sentimos numa fase inicial do desenvolvimento pelo seio bom é gradualmente transferido para outros objectos e actividades. No seu trabalho *Amor, Culpa e Reparação* (1937), afirma que “a fantasia de explorar o corpo da mãe, criada pela voracidade, a curiosidade, o amor e os desejos sexuais agressivos da criança, contribui para o desejo do homem de explorar novos países”, mais à frente, continua “Na mente inconsciente do explorador, um novo território representa uma nova mãe, aquela que substituirá a perda da mãe real. Ele busca (...) a terra onde corre o leite e o mel” (p. 374), isto para nos mostrar como este *primeiro amor* é importante, tem consequências e influência a vida futura.

Os impulsos agressivos da criança dão origem a fortes sentimentos de culpa e ao medo que a pessoa amada morra. Este sentimento faz parte do amor, reforçando-o e intensificando-o.

Klein (1937) demonstra que o medo da morte da pessoa amada, faz com que a criança se afaste do objecto, contudo é um afastamento apenas ilusório, pois a cada nova etapa tenta recriar e reencontrar o objecto amado.

Deste modo, o escultor que dá vida a um objecto, quer ele seja representativo de uma pessoa ou não, está a reparar e a recriar inconscientemente as pessoas que amava no início da vida e que destruiu em fantasia.

O gozo e a exploração científica ou artística têm a mesma fonte: o amor pelas terras de grande beleza e estas terras de grande beleza são o símbolo da mãe amada, e o anseio com que essas terras são procuradas, deriva do nosso anseio por ela. Assim, para Klein (1937), a culpa é o incentivo fundamental para a criatividade e para o trabalho em geral, contudo, se a culpa for demasiado intensa, pode inibir interesses e actividades produtivas.

O desejo de reparação está intimamente ligado à preocupação com o objecto amado e à ansiedade em torno da sua morte, mas é essa mesma preocupação e ansiedade que permitirão à criança expressar-se de forma criativa e construtiva.

Kernberg (cit. por Mancia, 1990), definiu os afectos como um *sistema motivacional primário*, com uma função decisiva na activação das primeiras relações mãe/bebé. Uma posição que se afasta da kleiniana, para quem as forças motivacionais primárias são representadas pelas pulsões, que, por sua vez, serão responsáveis pela organização dos afectos.

Para Mancia (1990)

os afectos podem ser considerados *sinais* estreitamente ligados às pulsões e por elas determinados, transformando-se eles mesmos em factores de organização da mente e do comportamento. *Siniais* que explicam uma função de adaptação e de sobrevivência, uma vez que na relação mãe/bebé, servem igualmente para comunicar as necessidades da criança (Mancia, 1990, p. 110).

Alvo de inúmeras considerações literárias, filosóficas, sociológicas, o amor é, sem dúvida, um dos, se não o, tema que mais tem apaixonado a humanidade. No que se refere a este trabalho, parece-nos que o mais importante é de facto o poder deste sentimento na união com o outro; o poder de mobilizar o sujeito, na procura de um objecto, não fosse o homem um animal social, talvez o amor não fosse tão importante. Não fosse este trabalho acerca de poesia e de um poeta, talvez o tema do amor não constasse.

*O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.*

Alberto Caeiro

4. A capacidade de estar só: a ausência do objecto externo

Na criação artística a solidão é um tema que é alvo de muitas elaborações. E porque, perante a incapacidade de amar, perante a dificuldade de entrega ao outro, apenas resta a solidão, pareceu-nos relevante tecer algumas considerações sobre o estar só.

Na solidão, no confronto connosco, no período de diálogo interno, damos por nós mergulhados em poesia, ou até a criar poesia (Malpique, 1987).

Os poetas falam de solidão, de nostalgia e de saudade, libidinizam a palavra e o sofrimento de forma a tornear a frágil capacidade de estar sós.

Alguém que possui ou conquista a capacidade de estar só usufrui da liberdade de se confrontar com o seu mundo interno sem demasiada angústia.

Winnicott publica em 1958, um artigo intitulado *A capacidade para estar só*, onde demonstra a importância da criança ser capaz de estar só, mesmo na presença da mãe. Com esta conceptualização paradoxal, Winnicott quis mostrar-nos o quão importante é para a criança estar consigo mesma e desenvolver as suas actividades, na presença da mãe, enquanto esta também se encontra no desempenho de outras operações, não focadas na criança. Isto só é possível porque a criança e a mãe estão unidas por uma confiança básica recíproca. A capacidade de estar só traduz, portanto, um grau de maturidade psíquica para o qual se tende (Winnicott, 1958).

Antes de atingir a capacidade de estar só vive-se o doloroso percurso da própria existência, dá-se uma evolução que se expressa pelo medo de ficar só, pela angústia de ficar só por ter destruído o outro, pela solidão do desencanto amoroso ou pelo medo da morte, emoções que são expressão de uma angústia existencial.

A solidão significa a presença onipotente e ameaçadora de um objecto interno maligno, que contamina o espaço interno do sujeito, obrigando a permanentes projecções no exterior, deixando o sujeito vazio.

A capacidade de estar só permite admitir dentro de nós um espaço interno, no qual somos, simultaneamente, espectadores e agentes, porque podemos conservar um bom objecto

introjectado, ultrapassadas que foram as angústias persecutórias e depressivas que estiveram na sua origem (Klein, cit. por Malpique, 1987).

A identificação primária precede a relação objectal e consiste no laço emocional com alguém, como acontece no apoio fundamental que a mãe dá ao bebé.

O objecto constitui uma protecção contra toda a situação de desamparo, para além de ser fonte de satisfação pulsional, contudo a dependência do objecto externo, enfraquece o Eu, tornando-o incapaz de fazer face aos perigos internos.

Quando há uma imperfeição do aparelho psíquico, o sujeito torna-se incapaz de fazer face aos perigos internos, assim, a dependência de um objecto externo, assemelha-se a uma solução, para que o sujeito não se confronte com o seu mundo interno. Por outro lado, um bom objecto introjectado permite ao sujeito ser capaz de estar só. A segurança que a mãe transmite à criança, faz com que ela possa estar só e retire prazer disso.

Klein (1959) dá um sentido positivo à solidão ao afirmar que “esse estado de solidão interior resulta da aspiração universal que o homem tem de conseguir um perfeito estado de interioridade inatingível...”, acrescentando “a necessidade de integração, assim como o sofrimento que acompanha o processo de integração, tem origem em fontes interiores que se mantêm activas ao longo de toda a vida” (Klein, 1959, p. 122).

O estabelecimento de uma primeira relação satisfatória com a mãe depende de um contacto estreito estabelecido entre o inconsciente da mãe e da criança. Esta relação constitui o fundamento da vivência mais completa que existe – a de ser compreendido - e encontra-se, essencialmente ligada ao estado pré-verbal.

Uma aspiração persiste insatisfeita: a de ser compreendido sem necessidade de recorrer à palavra. Uma aspiração que representa, em última instância, a nostalgia da primeira relação com a mãe. Essa nostalgia contribui para o sentimento de solidão e deriva do sentimento depressivo de ter sofrido uma perda irreparável” (Klein, 1959, p. 122).

Klein associa o sentimento de solidão ao processo de integração, objectivo nunca completamente atingido, pois é difícil ao ser humano “compreender e aceitar plenamente as suas próprias emoções, fantasmas e angústias. O desejo de se compreender a si-mesmo, está ligado à necessidade de ser compreendido pelo bom objecto interiorizado. Por outro lado, como o processo de integração conduz sempre a um certo grau de desidealização, o sentimento de solidão pode surgir por se ter reconhecido que o bom objecto interiorizado nunca atingirá o grau de perfeição de um objecto idealizado; há uma quebra de auto-estima que origina algum sofrimento (Klein, 1959 p. 127).

Balint (1971) descreve três zonas do psiquismo: a zona do conflito edipiano, caracterizada pela triangulação, e pela presença de mais dois objectos para além do sujeito, onde já é utilizada a comunicação verbal simbólica; a zona da falha fundamental que se passa numa relação a dois e onde predomina a comunicação não-verbal; e, por último, uma terceira zona, caracterizada pela ausência de qualquer objecto externo, onde o sujeito fica só, passando a ser o seu principal desejo criar algo a partir de si. Esta terceira zona é denominada de zona da criatividade. É nesta zona que o sujeito se torna capaz de compreender o outro. Contudo, Balint (1971), não considerou o sujeito como completamente só, afirmando que este possui pré-objectos. Objectos de tal modo primitivos, impossíveis de se considerarem organizados ou inteiros. Só quando o trabalho de criação os torna organizados e inteiros, há uma verdadeira interacção verbal entre eles e os objectos externos.

Em qualquer génio há sempre um elemento de diferença, um grau de superioridade, que não se explica, apenas que se constata, mas a sua genialidade não nasce do nada.

Zenith & Vieira, 2008, p. 17

5. Análise da incapacidade de amar

Boschan (cit. por Fabião, 2007) afirma que, numa fase inicial, não somos mais do que matéria, e que para que possamos ser um pouco mais do que um simples corpo, necessitamos de quem nos pense, compreenda e possa atender e satisfazer as nossas necessidades básicas. É este interesse genuíno do outro, é este amor, a semente da vida, que transforma o corpo em pessoa. Este investimento afectivo está também na origem da vontade de viver e directamente ligado à narcização do sujeito (Fabião, 2007). De acordo com as afirmações destes autores é clara a importância do objecto para a vida e desenvolvimento saudável do sujeito.

Analisando de forma mais detalhada os aspectos da vida do poeta, “é de admitir que Fernando António, filho desejado e amado por este jovem casal, tenha vivido num ambiente tranquilo e afectuoso até aos 4 anos, no amplo andar com vistas para o Tejo, no Largo de S. Carlos” (Malpique, 2007, p. 33).

Contudo, surgiram mudanças bruscas na vida de Pessoa, perdas incompreensíveis que viriam a deixar marcas profundas. Recordemos, que após a morte do pai a família foi obrigada a mudar-se para uma casa mais modesta, devido às dificuldades económicas que atravessavam, e o pequeno Fernando que se tentava adaptar à perda sofrida, teve também de se adaptar a um novo espaço: o lar haveria sido substituído por uma casa feia e uma calçada íngreme e barulhenta (Malpique, 2007). Para partilhar este novo espaço, a criança contou também com a presença da avó Dionísia, que sofria de doença mental grave (PMD). O comportamento instável da avó paterna causava estranheza à criança, que a via como uma figura misteriosa e ameaçadora (Malpique, 2007). “A realidade com a qual Fernando António se deparou, aos 5 anos, tornou-se insuportável” (Malpique, 2007, p. 34). O pai deixara um vazio, a mãe era agora uma mulher triste. A morte e a depressão surgiram de forma inesperada.

Klein (cit. por Bateman & Holmes, 1998) defende que o que está em jogo na perda é toda a integridade do mundo interno.

Esta interrupção no sentimento de se sentir investido tem repercussões ao nível da confiança básica. Se a criança continuar a depender do objecto da mesma forma que dependia,

passará a temer pela sua vida, pois deixou de ser investida da mesma forma. O sujeito depara-se com a emergência de emoções que não consegue conter devido à imaturidade do self (Fabião, 2007). Tudo isto contribui para as dificuldades, futuras e presentes, do sujeito se relacionar com o objecto, levando à incapacidade de amar.

Relativamente ao funcionamento narcísico, é unânime a perspectiva de que se instaura devido a uma descontinuidade marcada e súbita no sentimento de se sentir investido, isto é, no padrão de investimento emocional da criança. Este desinvestimento ocorre numa fase em que uma parte do self permanece ligado à realidade, contudo, outra parte do self retrai-se, desistindo de viver (Fabião, 2007).

Para Bion (cit. por Fabião, 2007), é a indisponibilidade da mãe para a identificação projectiva da criança que contribui para a formação de um Supereu hostil à curiosidade e à emoção.

O narcisismo, enquanto organização psíquica pode ser considerado uma defesa que dá coesão ao self, uma defesa contra a fragmentação. Esta defesa constrói-se como resposta a um traumatismo, numa fase primitiva, onde o sujeito não é capaz de mobilizar defesas mais avançadas. Desta forma, o sujeito que, assim, se constitui narcísico, vai traçando o seu caminho por uma estrada despovoada, senhor de onipotência hipertrofiada, que o faz *andar só pelos caminhos*.

A precocidade cognitiva do Eu, desprovido da capacidade de elaboração e integração das vivências emocionais, é propícia à clivagem como mecanismo de defesa, e aí pode começar a cisão entre o pensar e o sentir, o que leva a um pensar sem emoção ou a uma sensorialidade que nega o pensamento, o que provoca um sofrimento por incapacidade de integração destas vivências (Malpique, 2007). Observemos o poema seguinte:

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Neste poema é clara a clivagem feita pelo poeta entre o afecto e as emoções.

Para lidar com o sofrimento o sujeito vive o acontecimento traumático como apenas factual e esvaziado de emoção. Passa a experienciar o mundo, oscilando entre uma visão objectiva, esvaziada de emoção, e um alheamento, um fechamento sobre si mesmo, aquilo a que muitos autores denominam de retraimento narcísico, correspondente a um “estado psicológico propício à nostalgia, à idealização e ao sentimento de mistério” (Malpique, 2007,

p. 34). No poema *Sou o fantasma de um rei* (s.d.), podemos observar a idealização como mecanismo defensivo.

Sou o fantasma de um rei
Que sem cessar percorre
As salas de um palácio abandonado...
Minha história não sei...
Longe em mim, fumo de eu pensá-la, morre
A ideia de que tive algum passado...

Stolorow (cit. por Chabert, 2000) afirma que o narcisismo é necessário para manter a coesão estrutural e a coloração positiva da representação de si, garantindo, assim, a identidade do sujeito na ausência do outro. Consolida as barreiras entre o fora e dentro ao assegurar a defesa das fronteiras do Eu, o que evita a confusão com o outro (Chabert, 2000).

Numa carta de 1915 dirigida a Armando Côrtes-Rodrigues, Pessoa dá-nos conta dos seus esforços de *unificação* consigo mesmo.

A minha crise é do género das grandes crises psíquicas, que são sempre crises de incompatibilidade, quando não com os outros, por certo com nós próprios. A minha, agora, não é de incompatibilidade comigo próprio; a minha, gradualmente adquirida, autodisciplina, tem conseguido unificar dentro de mim quantos divergentes elementos do meu carácter eram susceptíveis de harmonização. Ainda tenho muito a empreender dentro do meu espírito; disto ainda muito de uma unificação como eu a quero.

O poema *O sino da minha aldeia* (1911) evoca a nostalgia de uma infância perdida.

Ó sino da minha aldeia
Dolente na tarde calma
Cada tua badalada
Soa dentro de minh'alma

E é tão lento o teu soar
Tão como triste da vida
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida

Por mais que me tanjas perto
Quando passo sempre errante
És para mim como um sonho
Soas-me na alma distante

A cada pancada tua
Vibrante no céu aberto
Sinto mais longe o passado
Sinto a saudade mais perto

O mistério foi também tema da sua criação poética.

O mistério do mundo,
 O íntimo, horroroso, desolado,
 Verdadeiro mistério da existência,
 Consiste em haver esse mistério.

(...)

Não é a dor de já não poder crer
 Que m'oprime, nem a de não saber,
 Mas apenas completamente o horror
 De ter visto o mistério frente a frente,
 De tê-lo visto e compreendido em toda
 A sua infinidade de mistério.

De acordo com Malpique (2007) “admitimos assim que precocemente se cavou a cisão entre Pensar/Sentir e se instalou essa incapacidade de amar, esse vazio que o irá acompanhar toda a vida e que, desde cedo, transparece no seu olhar” (p. 34).

E este cisão entre Pensar/Sentir viria a tornar-se visível e sentida na sua obra, como podemos observar no poema seguinte de Alberto Caeiro.

Passei toda a noite, sem dormir, vendo, sem espaço, a figura dela,
 E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontro a ela.
 Faço pensamentos com a recordação do que ela é quando me falta,
 E em cada pensamento ela varia de acordo com a sua semelhança.
 Amar é pensar.
 E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.
 Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela.
 Tenho uma grande distracção animada.
 Quando desejo encontrá-la
 Quase que prefiro não a encontrar,
 Para não ter que a deixar depois.
 Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero. Quero só Pensar nela.
 Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.

Neste poema é clara a valorização do pensar em relação ao sentir - *E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela*. A imagem transmitida pelo poeta demonstra a sua dificuldade em separar-se do objecto de amor - *Quase que prefiro não a encontrar, / Para não ter que a deixar depois*. A angústia de separação é evidente.

Coimbra de Matos (2007) ilustra de forma metafórica a angústia pessoana, denominando-a angústia da *gota de tinta*. A imagem é, à semelhança de uma gota de tinta que se dissolve na água, de um *self* que se dissolve/fragmenta perante o contacto com o outro.

Também Mancia (1990) ao referir-se ao sonho de uma paciente que não tolera a separação, afirma que esta “aceita ser uma criança/boneca recém-nascida, delicada, frágil e moldável, que se procura conter mas parece prevalecer nela o medo de se liquefazer e desaparecer” (Mancia, 1990, p. 120), no contacto com o outro e, mais especificamente na análise.

Chabert (2000) afirma que “o narcisismo assegura a coerência do aparelho psíquico, por favorecer um reagrupamento das forças pulsionais, um movimento centrípeto que evita a dispersão talvez desmenbrante dos investimentos” (Chabert, 2000, p. 104). Como podemos observar no poema seguinte.

O amor é uma companhia.
 Já não sei andar só pelos caminhos,
 Porque já não posso andar só.
 Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
 E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.

Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.
 E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.
 Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
 Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.

Todo eu sou qualquer força que me abandona.
 Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.

Neste poema de Alberto Caeiro é expresso o vazio e a solidão. Podemos notar, mais uma vez, a prevalência do pensar sobre o sentir - *Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores alta*. Esta fortaleza parece fraquejar na presença do objecto - *Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela*.

A valorização do pensar em relação ao sentir volta a ser evidente no poema *Tenho tanto sentimento* (1933).

Tenho tanto sentimento
 Que é frequente persuadir-me
 De que sou sentimental,
 Mas reconheço ao medir-me,
 Que tudo isso é pensamento,
 Que não senti afinal.

Aqui, mais do que uma valorização do pensar, há uma negação do sentir. O que nos faz colocar a hipótese que o sentir seja demasiado doloroso e impossível de conter.

Recordemos que, de acordo com os acontecimentos vividos na sua infância o outro passou a ser sentido como instável e abandonico. Para o poeta o envolvimento afectivo implica perda, o que faz com que *prefira não a encontrar, para não ter que a deixar depois*.

Perante um cenário de morte, tristeza e sofrimento, e numa fase delicada do seu desenvolvimento psíquico, o complexo de Édipo não encontrou as melhores condições para se realizar. O sofrimento, a estranheza e a culpabilidade perante a morte do seu pai e do pequeno irmão ligaram o amor à morte numa perigosa aliança entre Eros e Thanatos. Esta vivência precoce da perda contribuiu para que para Fernando, amar o objecto equivalesse a destruí-lo.

Estas vivências traumáticas arrastaram Fernando António para um ciclo onde amor, morte e perda estariam associados.

A mãe deprimida, após a morte do marido e de um filho, deixou de estar tão disponível para o pequeno Fernando, e um ano após a sua viuvez casou com o comandante João Miguel Rosa, partindo posteriormente para a África do Sul. Às perdas já vividas podemos somar a perda da mãe edipiana, pois não houve espaço para a fantasia de ser detentor exclusivo do amor da sua mãe. “O complexo de Édipo era na perspectiva de Freud uma tarefa de desenvolvimento necessária a ser ultrapassada ou resolvida pelo rapaz por identificação ao pai temido que lhe oferece a promessa de verdadeiro poder no futuro” (cit. por Bateman & Holmes, 1998, p.57). Como poderia o pequeno Fernando realizar este processo de identificação perante a morte de seu pai? O sentimento era de perda e abandono, como o demonstra em 1930 através do poema *Não tenho ninguém que me ame*.

Não tenho ninguém que me ame.
 ‘Spera lá, tenho; mas é
 Difícil ter-se certeza
 Daquilo em que não se crê.

Não é não crer por descrença
 Porque sei: gostam de mim.
 É um não crer por feitiço
 E teimar em ser assim.
 Não tenho ninguém que me ame.
 Para este poema existir
 Tenho por força que ter
 Esta mágoa que sentir.

Que pena não ser amado!
 Meu perdido coração!
 Et cetera, e está acabado
 O meu poema pensado.
 Sentir é outra questão...

A riqueza deste poema mostra-nos a consciência do poeta em relação ao seu deserto afectivo. Como pode amar alguém se não o ensinaram a amar? Se desde cedo se sentiu abandonado, sozinho e perdido, num espaço que não era o seu, num mundo que, de repente, se tornou confuso e caótico. E neste *poema pensado* Pessoa lamenta não ser amado. A dor que sente fá-lo criar.

Fernando António cedo se deparou com a indisponibilidade do objecto que amava. Com isso, sentiu que perdia o seu espaço.

Todas as coisas que há neste mundo
Têm uma história
Excepto estas rãs que coaxam no fundo
Da minha memória.

Qualquer lugar neste mundo tem
Um onde estar,
Salvo este charco de onde me vem
Esse coaxar.

A dor provocada pelo abandono dos objectos primários (do pai devido à morte, da mãe devido à depressão) e a instabilidade do meio que o rodeava, levaram Fernando António a denegar a realidade frustrante e a refugiar-se num retraimento narcísico, negando a necessidade do outro, criou um mundo que podia controlar. Assim, aos 6 anos de idade, surge o seu primeiro heterónimo, Chevalier de Pas, com quem dialogava, com o objectivo de se defender da solidão em que vivia submerso.

Para Chabert (2000) “o retraimento do investimento libidinal é necessário à sobrevivência, na medida em que, sem possibilidade de se retirar, o indivíduo estaria em permanência, submetido a excitações que ameaçariam invadi-lo: o retraimento libidinal assegura, com efeito, uma função de autorestituição, ao permitir a realização de operações de interiorização” (p. 94).

Fernando António, criança de olhar atento e inteligente, revelou desde muito cedo uma imaginação rica, o que lhe permitiu criar um mundo de personagens fantásticas que não o deixavam estar só, que o alheavam do mundo real e que, ao mesmo tempo, incrementavam a sua criatividade. Mas a dor permaneceu.

A dor, que me tortura sem que eu tenha
Caminho ou alma para lhe fugir,
Parece que, ao tocar-me, me desdenha,
E só me toca p’ra o fazer sentir.
Um nojo, não de mim por minha dor,

Mas como que de minha dor por mim,
 Jaz no fundo soez do meu rancor
 Contra a dor sem razão que não tem fim.

E, neste circuito de dor e mágoa,
 Não me encontro senão p'ra me odiar,
 Como o viandante à noite ouve um som de água
 Apenas para dele se afastar.

Neste poema Pessoa demonstra dificuldade em dar sentido à sua dor - *a dor sem razão que não tem fim* – e este sentir sem sentido aumenta ainda mais o seu sofrimento. *E, neste circuito de dor e mágoa, / Não me encontro senão p'ra me odiar*. Como pode alguém amar o outro se se odeia a si mesmo? É certo que neste poema Pessoa faz uma clivagem entre si (sujeito real) e a sua dor (o sentir), contudo, não pertencerá esta dor ao poeta? Não fará ela parte de si? No poema *Tudo o que faço ou medito* (1933), o poeta alarga esse mau estar.

Tudo o que faço ou medito
 Fica sempre na metade.
 Querendo, quero o infinito.
 Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica
 Ao olhar para o que faço!
 Minha alma é lúcida e rica
 E eu sou um mar de sargaço –

Um mar onde bóiam lentos
 Fragmentos de um mar de além...
 Vontades ou pensamentos?
 Não o sei e sei-o bem.

No poema *Canção* (1920), a dor volta a ser alvo de elaboração.

Senhor, já que a dor é nossa
 E a fraqueza que ela tem,
 Dá-nos ao menos a força
 De a não mostrar a ninguém!

Neste poema escrito em 1920, é expresso o desejo de não revelar a fragilidade que sente, devido a uma dor que já faz parte de si. E essa dor também o impede de se relacionar. Afinal, é no contacto com o outro que a sua dor aumenta. Aumenta por se sentir frágil, por sentir que pode perder o objecto e por não tolerar essa perda. Quando a inibição impera apenas resta o vazio emocional, o deserto afectivo.

Quando estou só reconheço
 Se por momentos me esqueço
 Que existo entre outros que são
 Como eu sós, salvo que estão
 Alheados desde o começo.

E se sinto quanto estou
 Verdadeiramente só,
 Sinto-me livre mas triste.
 Vou livre para onde vou,
 Mas onde vou nada existe.

Creio contudo que a vida
 Devidamente entendida
 É toda assim, toda assim.
 Por isso passo por mim
 Como por cousa esquecida.

No poema *Manibus date lilia plenis* (1913) é nos transmitida a imagem de alguém que ama *Com o mero ver*, sem gestos, sem acção, esvaziado da pulsão libidinal. Alguém que ama de uma forma apenas platónica e ideal, à distância e sem envolvimento.

Cheia de lírios
 Tuas mãos estende
 Para os meus martírios...

Estende e fica assim
 Nem sonho de gesto
 Vá desde mim

Até tuas mãos,
 Para receber
 Os teus lírios vãos...

Olhando, só olhando
 Até a vida ir
 Ficarei amando

Com o mero ver
 Só a ideia, só –
 Dos lírios receber...

Fica sem mudança
 Assim – P'ra quê gestos,
 Se mesmo olhar cansa?

Numa reflexão mais atenta, podemos considerar estes lírios no seu sentido metafórico, e pensar neles como afecto que o poeta nunca teve mas que necessita *Para os seus martírios*.

Mas importa que esse afecto seja dado *sem mudança*, sem que haja perda do objecto. A possibilidade de perda e mudança é algo do qual o poeta tem plena consciência, o que o leva a associar o amor à dor e à perda, e o impede de se envolver com o outro e de estabelecer verdadeiras relações objectais. A possibilidade de perda é causadora de um sofrimento impossível de conter. Um sofrimento que permanecerá e que se manifesta através da sua obra.

Ah, a angústia, a raiva vil, o desespero
De não poder confessar
Num tom de grito, num último grito austero
Meu coração a sangrar!

Falo, e as palavras que digo são um som.
Sofro, e sou eu.
Ah, arrancar à música o segredo do tom
Do grito seu!

Ah, a fúria de a dor nem ter sorte em gritar,
De o grito não ter
Alcance maior que o silêncio, que volta do ar,
Na noite sem ser!

Neste poema o sofrimento transparece a cada linha. O coração sangra, não só por não amar, mas também por nunca se ter sentido amado.

Se corroborarmos as afirmações de Novalis (cit. por Mancia, 1990) e considerarmos que a poesia tem como missão representar o irrepresentável, conseguimos compreender o porquê do seu grito mudo, o porquê da sua voz não ter *alcance maior que o silêncio*. Afinal, como representar tamanha dor? A poesia adquire aqui um papel fundamental, o papel de sublimar através da escrita o sofrimento subjectivo, que encontra expressão nas palavras de Pessoa. Desta forma, “a obra criativa constitui para o seu autor uma modalidade que possibilita a superação dos seus conflitos internos e dos traumas ligados ao seu desenvolvimento,” o que se passa “no campo do simbolismo, através dos processos da sublimação/simbolização” (Delgado, 2006, p. 29).

6. Análise das fragilidades do eu

6.1 A imagem de si

Freud (cit. por Fabião, 2007) referiu-se à identificação narcísica, onde o sujeito copia e imita o objecto, como uma das formas mais primitivas de integração das características do objecto.

A prática clínica revela que, muitas vezes, o que é pedido aos objectos escolhidos por sujeitos narcísicos, é que correspondam a uma imagem idealizada deles mesmos, o que pode ser explicado pela precoce ruptura traumática com o objecto que deveria reflectir a sua imagem (Fabião, 2007).

O Ideal do Eu refere-se a uma forma de imagem fantasiada em que o Eu se reflecte. Uma imagem idealizada que possa resgatar o *self* da sua condição de imperfeição e de impotência (Fabião, 2007). Este processo tem início, quando a criança idealiza os pais, e os considera como detentores de toda a beleza, todo o bem e todo o poder (Fabião, 2007). O Ideal do Eu evolui para uma formação mais flexível quando a dependência da criança face aos pais diminui (Fabião, 2007); o aumento da autonomia permite à criança considerar a existência de outros objectos e reelaborar a imagem idealizada dos pais.

Este termo foi introduzido por Freud no quadro da sua segunda teoria do aparelho psíquico. Freud define-o como uma instância da personalidade, que resulta da convergência do narcisismo e das identificações com os pais, com os seus substitutos e com os ideais colectivos. Enquanto instância diferenciada, o ideal do ego constitui um modelo ao qual o sujeito procura corresponder (Vocabulário da Psicanálise, 2008).

Os conteúdos do Ideal do Eu são largamente inconscientes e, contemplam, numa primeira fase conteúdos mais primitivos, ligados ao prazer primário e passivo, e, posteriormente, integram um conhecimento mais integrado do ego. Para que possa haver este conhecimento mais integrado de si, é necessário haver tolerância à frustração (Fabião, 2007), para que o sujeito se possa aceitar como é, com as suas dificuldades, limitações ou fragilidades.

Numa fase inicial das suas investigações, Freud (cit. por Fabião, 2007) considerou o Ideal do Eu como apenas directamente ligado ao eu-prazer, sucedendo ao narcisismo perdido da infância, porém, em trabalhos posteriores esta visão é alargada, e alguns autores defendem que esta instância estaria mais integrada na personalidade, e em tensão com o Supereu (Fabião, 2007).

Este narcisismo - que Freud compara a um verdadeiro delírio de grandeza – é abandonado face à crítica que os pais exercem em relação à criança. Esta crítica é interiorizada sobre a forma de uma instância psíquica, a instância da censura mas também da auto-observação, uma instância distinta do ideal do ego, que “ (...) observa incessantemente o ego real e que o compara com o ideal” (Vocabulário da Psicanálise, p. 222).

No mesmo seguimento, Freud distingue o sentimento de culpa do de inferioridade: se, por um lado a culpa se relaciona com a consciência moral do superego, o sentimento de inferioridade está intimamente ligado ao ideal do ego.

Por sua vez, o superego é uma instância formada por identificação com os pais, correlativamente ao declínio do Édipo, e que reúne as funções de interdição e de ideal. É uma estrutura que compreende as funções de auto-observação, consciência moral e função de ideal.

No mesmo sentido, Green (1988) afirma que o Ideal do Eu é o “destino das figuras narcisistas cujo desenvolvimento é paralelo às vicissitudes ligadas ao objecto” (p. 145).

Também para López-Peñalver (cit. por Fabião, 2007) o Eu Ideal é determinado pela capacidade da personalidade em tolerar a frustração, e está ligado a uma primeira organização do *self*, pré-genital, representante da experiência de satisfação completa. Assim, quanto menor a tolerância à frustração, mais insuflado será o Ideal do Eu, e maior será a discrepância entre o Eu real e o Ideal do Eu.

No seu trabalho *Psicologia de grupo e análise do ego*, Freud (1921) reforça a sua perspectiva acerca da função do ideal do ego. O autor define que esta instância se assume como uma formação nitidamente diferenciada do ego, que permite explicar o fascínio amoroso, a dependência para com o outro e até a submissão ao líder. Estes são exemplos de situações em que o objecto – que por vezes pode ser estranho ao sujeito - é colocado pelo sujeito no lugar do seu ideal do ego. Para Freud é este processo que está na base da constituição dos grupos humanos, afirmando que o ideal colectivo retira a sua eficácia de uma convergência dos “ideais do ego” individuais: “cada indivíduo faz parte de vários grupos, está ligado por identificações de vários lados e construiu o seu ideal do ego segundo os mais diversos modelos”, pois mesmo na identificação com um só objecto, está subjacente um certo número de ideais colectivos.

O ideal de si pode ser observado na obra de Pessoa e até na correspondência que trocou com artistas do seu círculo de amigos.

(...) exijo agora de mim muita mais perfeição e elaboração cuidada. Fazer arte rapidamente, ainda que bem, parece-me pouco. Devo à missão que me sinto uma perfeição absoluta no realizado, uma seriedade integral no escrito.

Passou de mim a ambição grosseira de brilhar por brilhar, e essa outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável, de querer épater (carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues, escrita em 1915).

Na fotobiografia do poeta, Zenith afirma “Pessoa era megalómano (...), e era-o desde tenra idade. (...) Queria ser um grande escritor, maior do que Camões (...)” (2008, p. 136). Contudo, esta megalomania parece-nos apenas ilusória, surgindo na tentativa de mascarar um *self* que na realidade é frágil e anémico. No poema Tabacaria de Álvaro de Campos, muitas linhas transparecem essa fragilidade.

Falhei em Tudo.
 Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
 A aprendizagem que me deram,
 Desci dela pela janela das traseiras da casa...

(...)

Não sou nada
 Nunca serei nada
 Não posso querer ser nada.
 À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
 Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
 Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer.

Desta forma, a megalomania, a que se refere Zenith (2008), parece-nos surgir de forma defensiva, protectora de um *self* que procura corresponder a um ideal de si, a uma busca inalcançável que envolve sofrimento.

Deixei de ser aquele que esperava...
 Isto é, deixei de ser quem nunca fui.

(...)

Poderíamos falar de encontro amoroso, de narcisismo, de identidade sexual, de perversões traduzindo assim vicissitudes da relação de objecto (...)

Celeste Malpique (1993)

6.2 Análise da relação de objecto

De acordo com Freud (cit. por Fabião, 2007) no funcionamento narcísico, e relativamente à escolha objectal, podemos distinguir entre uma escolha narcísica de objecto e uma escolha de objecto anaclítico. Quando o sujeito opta por um objecto narcísico, opta pela não renúncia objectal, pois através da identificação narcísica com o objecto, o Eu torna-se o próprio objecto. Nestes casos há uma idealização do objecto. Por outro lado, a relação de anáclise surge devido à experiência da separação, que provoca no sujeito uma sensação de carência. Freud considerou esta escolha objectal característica dos homens, enquanto, segundo ele, a escolha de objecto narcísico seria mais comum nos elementos do sexo feminino (Fabião, 2007).

Chabert (2000) afirma que nos funcionamentos de tipo narcísico as tensões psíquicas são elevadas, pois há uma ambivalência entre o Ego e o Ego ideal. Por um lado, o Ego, com as representações de si; por outro o Ego ideal ambicionando uma imagem de perfeição, resultado da idealização, impossível de alcançar. Contudo, a identificação narcisista actua como uma forma de inviabilizar a consciência da separação, que o sujeito não tolera, fixando o Ego num estado de fusão – inconsciente – com o objecto, que, assim, não se perde.

Não foram muitas as verdadeiras relações que conhecemos a Pessoa. A primeira e mais importante de todas, estabeleceu com a sua *Querida mamã*, uma relação que, pelas suas circunstâncias, podemos considerar de incompleta. Não esqueçamos que ao pequeno Fernando António foi negada a fantasia de ser detentor exclusivo do amor da sua mãe, o que o impediu de experienciar e superar de forma satisfatória, um importante estágio do desenvolvimento psíquico.

Fabião (2007) afirma que no narcisismo há a perseveração da relação dual, como modo exclusivo de relação, o que leva a uma busca frenética de emparelhamento, de procura de um par, para fazer face à ameaça de despersonalização ou fragmentação. Recordemos as palavras de Murteira França “atrever-me-ia a dizer que os dois grandes amores da sua vida foram a mãe e a Pátria” (Murteira França, 1987, p.28). Permanecendo fixado nesta relação primária e dual, o poeta não acedeu à triangulação, não se permitindo amar mais ninguém.

Para Coimbra de Matos (2007), Pessoa não alcançou a ambivalência depressiva, permanecendo estagnado na posição narcísea, vivendo todas as suas relações de forma imatura, como se verá adiante.

Pessoa manteve à distância e controlados os investimentos objectais. Para preservar o seu narcisismo alienou a capacidade de amar.

De resto, a incompatibilidade – de acordo com as palavras do poeta – fez-se sentir em todas as suas relações. Numa carta em tom de desabafo acerca da sua *crise psíquica*, dirigida ao seu amigo e colega de letras Armando Côrtes-Rodrigues, Pessoa (1915) diz-nos isso mesmo.

A crise de incompatibilidade com os outros - não, entenda-se desde já, uma incompatibilidade violenta, como a que resultasse de divergências declaradas, nítidas, de ambas as partes. Trata-se de outra cousa. A incompatibilidade é sentida por mim, dentro de mim, e é comigo que está o peso todo da minha divergência de aqueles que me cercam. O facto de eu estar agora vivendo só, por não ter aqui família próxima (...) vem agravar este estado de espírito, por me deixar a nu com a minha alma, sem afeições e interesses familiares próximos a desviar de mim a minha atenção.

Note-se que a sua divergência para com os que o rodeiam é sentida como um peso. Diríamos o peso do vazio e do sofrimento que a solidão acarreta.

Incapaz de estar só consigo mesmo, incapaz de se confrontar com o seu mundo interno sem demasiada angústia, Pessoa sofre.

Foi necessário criar um heterónimo que estabelecesse uma relação amorosa, contudo, mesmo entre Lídia e Ricardo Reis, o amor parece apenas idealizado, num plano de contemplação, não carnal – (...) *pensando que podíamos, /Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias, /Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro /Ouvindo correr o rio e vendo-o*. O que se deve à imaturidade do self. Pessoa permaneceu criança, à espera de ser amado.

A vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas. A percepção é de solidão e vazio, de uma vida que passa, sem que nela ninguém habite. No enlace das mãos há o cansaço, e, mais uma vez, podemos observar a associação do amor ao sofrimento e à dor - *Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova, /Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos*.

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)

(...)

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
 Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
 Mais vale saber passar silenciosamente
 E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
 Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
 Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,
 E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
 Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
 Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
 Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
 No colo, e que o seu perfume suavize o momento —
 Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
 Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
 Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
 Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
 Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levores o óbolo ao barqueiro sombrio,
 Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
 Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim — à beira-rio,
 Pagã triste e com flores no regaço.

A imagem que nos é dada, é de duas *crianças adultas*, que se juntam na contemplação, que não são mais que amigos ou irmãos. Este poema não nos fala de um amor carnal; e por não ser carnal não implica o sofrimento que, para o poeta, é inerente ao arrebatador amor pulsional. Arrebatamento que, de resto nunca sentiu. Porque, afinal, no sentir há o reconhecimento do afecto e o sofrimento da separação. Se não sinto não sofro, mas também não amo e apenas o vazio me resta.

Green (1988), referindo-se ao trabalho de Freud *inibição, sintoma e angústia*, assinala a inibição como uma *limitação funcional do Eu*, isto é, um mecanismo responsável pela não existência de representações ou afectos ao nível do Eu.

O último heterónimo criado pelo poeta conheceu-se pelo nome barão de Teive, “de todas as máscaras criadas pelo poeta esta era a mais transparente e talvez a mais inquietante” (Zenith, 2008, p. 145).

Este heterónimo não produziu mais do que prosas fragmentárias e desconexas. O barão é descrito como tímido com as mulheres, ao ponto de se tornar impotente. Para Zenith “o barão era um exemplo vivo daquilo que os espíritos astrais, em 1916-1917, advertiram nas suas comunicações a Pessoa, dizendo-lhe que a falta de realização sexual poderia resultar numa incapacidade de produzir obras literárias acabadas” (2008, p. 145). Também o barão foi sempre racional nos seus sentimentos.

Ainda assim, os escritos biográficos do poeta, e as cartas por si deixadas, identificam um relacionamento romântico, mais do que amoroso, aquele que manteve de Janeiro a Novembro de 1920, com Ofélia Queirós.

Pessoa conheceu Ofélia Queirós em Novembro de 1919, na firma Félix, Valladas e Freitas, Lda., onde Ofélia havia sido contratada como secretária e onde Pessoa também colaborava, com o seu primo Mário. O contacto entre os dois começou por troca de olhares, gracejos e bilhetinhos. Pessoa tinha então 31 anos de idade e Ofélia 19. Pessoa aproveitou-se de uma falta de luz que houve no escritório, a 22 de Janeiro de 1920, dois meses após se terem conhecido, para, de vela na mão, declarar o seu amor a Ofélia, com palavras pedidas de empréstimo a Hamlet: “Oh, querida Ofélia! Meço mal os meus versos; careço da arte par medir os meus suspiros: mas amo-te em extremo. Oh! Em extremo acredita!” Beijou-a então “apaixonadamente, como louco”, (cit. por Zenith, 2008, p. 125) como a própria Ofélia recorda muitos anos depois. Contudo, apesar da declaração sentida e do beijo arrebatado, nas semanas seguintes Pessoa mostrou-se ambivalente, alternando entre marcadas expressões de afecto e uma quase indiferença. Perante este quadro de instabilidade e inconstância, Ofélia dirige-lhe uma carta a 28 de Fevereiro, pedindo uma declaração por escrito das suas intenções. A relação de ambos não conheceu outro futuro senão pela troca de correspondência, iniciada por esta carta de Ofélia.

As cartas de Pessoa para Ofélia falavam de assuntos corriqueiros, como problemas de saúde ou afazeres vários. Nas cartas Pessoa referia-se a Ofélia como “Meu bebé pequenino” (conforme anexo 3), um trato revelador de uma certa imaturidade, à semelhança da relação de Ricardo Reis com Lídia, onde não existe um amor carnal. Também as cartas de Ofélia eram dirigidas ao seu “Fernandinho” (anexo 4).

Mas estas cartas também serviram para marcar encontros, após a mudança de Ofélia para um outro escritório. Pessoa acompanhava Ofélia no eléctrico, onde se beijavam quando as circunstâncias o permitiam. Ofélia descreve esta relação como “um namoro simples, até certo ponto igual ao de toda a gente” (cit. por Zenith, 2008, p. 126). Pessoa nunca quis acompanhar Ofélia a casa ou conhecer a sua família, da mesma forma que nunca falou dela

aos seus familiares, “a relação ficou numa caixa, num compartimento, isolada do resto da vida de Pessoa (...)” (Zenith, 2008, p. 126).

Relativamente a esta relação, Zenith afirma “Querida – num recanto do seu ser, realmente queria – amá-la e construir alguma coisa em comum. Faltava-lhe, contudo, o essencial, como ela pressentira mas depois preferiu não ver, ou não ler, pois nas cartas de Pessoa não transparece o tipo de amor capaz de uma entrega” (2008, p. 126).

Oficialmente, o namoro termina – sem nunca realmente ter começado, diríamos nós, devido à falta de entrega por parte do poeta – em Novembro de 1920. Nesta ocasião Pessoa confessa-se aliviado (Zenith, 2008).

Desta forma começa e termina aquela que foi a única relação amorosa conhecida do poeta.

De futuro, nenhuma outra mulher viria a despertar o seu interesse, nenhuma outra surgiria como possibilidade de envolvimento, restando ao poeta apenas a solidão literária.

6.3 Análise das angústias

Em 1926 Freud teoriza acerca da angústia, distinguindo dois tipos: uma angústia sinal, cuja função seria alertar o sujeito para uma situação sentida como perigosa, e uma angústia traumática, relacionada com a separação do objecto. Assim, identifica a angústia como um estado afectivo desagradável e desloca a importância da angústia de castração para a angústia de separação do objecto (Mancia, 1990). Outra distinção assinalada por Freud, relaciona-se com o facto de a angústia se relacionar com o perigo, contrariamente à dor e ao luto que pertencem à categoria da ferida narcísica (Green, 1988).

A angústia tem um conteúdo ideativo e representativo, e uma história de desenvolvimento, portanto, analisar a angústia significa descobrir as ideias ou representações que estão na sua base, assim, como a sua história (Mancia, 1990).

Percorreremos em seguida o sinuoso caminho que nos leva às angústias fundamentais de Pessoa. Para tal, importa que façamos um retrocesso até aos 5 anos de vida do poeta. A morte de seu pai, foi sem dúvida um acontecimento marcante da sua infância, obrigando-o a lidar, em tenra idade, com a perda, a separação e o luto.

Freud (cit. por Green, 1988) afirma que as reacções à separação vinculam-se à dor e ao luto mais que à angústia, ainda assim, para uma criança que perde um objecto primário “O mundo aparece como caótico, inquietante, cheio de possibilidades imprevisíveis, absurdas,

ameaçadoras” (Aberastury, 1984, p. 55), o que no futuro poderá provocar um funcionamento de traços esquizóides e levar a uma desadequação em relação ao mundo externo (Aberastury, 1984).

De acordo com Aberastury (1984), a culpa da criança, perante a morte, pode levar a uma regressão e à não elaboração do luto, o que originará mecanismos esquizóides.

Também neste sentido, Malpique (2007) afirma “ (Pessoa) refugia-se defensivamente num retraimento narcísico e fixa-se numa organização esquizóide da personalidade” (Malpique, 2007, p. 36).

Nos sujeitos que não conseguiram elaborar as suas perdas, pode-se observar uma incapacidade na introjecção de bons objectos, o que os leva a afastarem-se e a negar o seu amor por esses objectos, inibindo as suas emoções. Em alguns casos só os sentimentos de amor diminuem, enquanto os de ódio aumentam (Aberastury, 1984).

Freud define a inibição como uma limitação funcional do Eu a fim de evitar um conflito ou com o Id ou com o Supereu (Green, 1988).

A retracção da libido evidencia os traços esquizóides de Pessoa.

Sou fácil de definir.
Vi como um danado.
Amei as coisas sem setimentalidade nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento de ver.
Compreendi que as coisas são reais e todas diferentes umas das outras;
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais.
Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.
Fechei os olhos e dormi.
Além disso fui o único poeta da Natureza.

De acordo com Fairbairn (cit. por Coimbra de Matos, 2003), o conflito esquizóide consiste na ambivalência entre amar/não amar, entre o desejar e o não desejar. Este apagamento libidinal, esta retirada da libido dos objectos é característico do desinvestimento psicótico mas também da patologia psicossomática (Coimbra de Matos, 2003).

Na patologia psicótica o sujeito delira, criando um mundo imaginário; enquanto na patologia psicossomática há uma adaptação do sujeito há realidade frustrante (Coimbra de Matos, 2003). E que melhor forma de se adaptar poderia o nosso poeta encontrar se não dedicando-se à escrita e à sua arte? Que melhor forma de expressão para as suas angustias poderia encontrar, do que através da poesia? O primeiro documento catalogado da arca deixada pelo poeta diz-nos isso mesmo.

A arte é um esquivar-se a agir ou a viver. A arte é uma expressão intelectual da emoção, distinta da vida, que é a expressão volitiva da emoção. O que não temos, ou não ousamos, ou não conseguimos, podemos possuí-lo em sonho, e é com esse sonho que fazemos arte. Outras vezes a emoção é a tal ponto forte que, embora reduzida a acção, a acção, a que se reduziu, não a satisfaz; com a emoção que sobra, que ficou inexpressa na vida, se forma a obra de arte. Assim, há dois typos de artista: o que exprime o que não tem, e o que exprime o que sobrou do que teve (Pessoa, retirado de Fotobiografia, 2008, p. 12) – anexo 2.

Esta necessidade de adaptação a uma realidade que, desde cedo, se revelou frustrante, impõe ou implica uma subtracção ao prazer de viver e de se relacionar (Coimbra de Matos, 2003). A racionalidade ocupa, assim, o lugar da afectividade, dando lugar a uma depressão falhada, onde nem a tristeza tem lugar para se organizar (Coimbra de Matos, 2003).

No poema *Dói viver, nada sou que valha ser* (1923), é clara a temática depressiva, onde se notam a dor, a tristeza, o abatimento do *self*, mas onde não há culpabilidade.

Dói viver, nada sou que valha ser.
Tardo-me porque penso e tudo rui.
Tento saber, porque tentar é ser.
Longe de isto ser tudo, tudo flui
Mágoa que, indiferente, faz viver
Névoa que, diferente, em tudo influi.
O exílio nada do que foi sequer
Ilude, fixa, dá, faz ou possui.

Assim, nocturna a árias indecisas,
O prelúdio perdido traz à mente
O que das ilhas mortas foi só brisas,
E o que a memória análoga dedica
Ao sonho, e onde, lua na corrente,
Não passa o sonho e a água inútil fica.

O mesmo se passa no poema *Ah quanta melancolia!* (1924), onde nos parece ouvir o grito desesperado do poeta perante a dor, o abandono e a solidão.

Ah quanta melancolia!
Quanta, quanta solidão!
Aquela alma, que vazia,
Que sinto inútil e fria
Dentro do meu coração!

Que angustia desesperada!
Que mágoa que sabe a fim!
Se a nau foi abandonada,
E o cego caiu na estrada –
Deixai-os, que é tudo assim.

Sem sossego, sem sossego,
 Nenhum momento de meu...
 Onde quer que a alma emprego –
 Na estrada morreu o cego...

 A nau desapareceu.

A nau desapareceu, deixando para trás apenas o vazio, como se a esperança já não existisse.

Em *Não, não é cansaço...* (s.d.), a desilusão, o abismo e a monotonia são protagonistas.

Não, não é cansaço...
 É uma quantidade de desilusão
 Que se me entranha na espécie de pensar.
 É um domingo às avessas
 Do sentimento,
 Um feriado passado no abismo...
 Não, cansaço não é...
 É eu estar existindo
 E também o mundo,
 Com tudo aquilo que contém,
 Como tudo aquilo que nele se desdobra
 E afinal é a mesma coisa variada em cópias iguais.

No poema *Não tenho nada p'ra te dizer* (1917), há como que uma desistência pela parte do poeta, que incapaz de sentir se rende.

Não tenho nada p'ra te dizer
 Salvo que a vida já não me quer.

Não tenho nada para te ouvir.
 Para que ouvir-te? Não sei sentir...

Sofro nos sonhos, sofro na vida.
 Não tenho norma nem direcção...

Levo o cadáver da fé perdida
 Para o jazigo da ilusão.

Para Green (1979) o principal obstáculo na comunicação com o outro é o narcisismo, mais especificamente, as angústias que comporta. Para colocar o problema do limite, da forma e da consistência, Green (1979) fala-nos de:

Angústia do um relacionada com a unidade ameaçada, reconstituída, ligada ao outro, sobre um fundo de vazio, onde a forma reúne objecto parcial e objecto total;

A *angústia do par*, onde as figuras da simetria, da complementaridade, da oposição na diferença do Um e do Outro, onde joga a bissexualidade, remetem à fantasia da unidade totalizada do par, sempre buscada, sempre impossível;

A *angústia do conjunto*, relacionada com a dispersão, o despedaçamento e a fragmentação.

Para Freud (cit. por Green, 1979) o nascimento do Eu dá-se aquando a perda/separação do seio. A partir deste momento o Eu ganha o estatuto de Eu-realidade, distinguindo-se, assim, em relação ao objecto. O problema do limite entre o Eu e o Outro começa aqui a esboçar-se.

A imagem do Eu que nos é dada por Freud (cit. por Green, 1979) é a de uma superfície, “ou o que corresponde à projecção de uma superfície” (p. 148), ao que Green (1979) acrescenta, “uma superfície destinada a receber as representações de objecto e afectos” (p. 148). Desta forma coloca-se o problema da forma.

Se, por um lado, Freud (cit. por Green, 1979) afirma que o problema das representações apenas concerne ao Eu, por outro, a questão do afecto é dupla. O afecto pode ser relacionado com o objecto ou com o Eu, “ambos podendo se confundir sem que o Eu possa sempre diferenciá-los” (p. 149), colocando-se, assim, o problema da consistência.

7. Conclusão

Desenvolver um trabalho, no âmbito da psicanálise, acerca deste grande nome da literatura portuguesa nem sempre se revelou uma tarefa fácil.

O poeta múltiplo, alvo de inúmeras elaborações, foi aqui estudado sobre a perspectiva da incapacidade de amar. Porquê a incapacidade de amar? Devido ao poder que as relações exercem sobre nós. Neste campo, podemos assinalar a importância das primeiras relações que o bebé estabelece com o cuidador. De facto, cada bebé, ao nascer, já trás consigo um padrão fixo de acção, uma disponibilidade inata para se vincular ao outro. Só assim pudemos chegar ao *Homo Sapiens* que conhecemos hoje: o Homem social, que vive em relação e que precisa do outro. Porém, as relações têm este poder, *sanígeno*, de acordo com as palavras de Coimbra de Matos, mas também podem adquirir contornos destrutivos, perturbadores, quando o outro é sinónimo de instabilidade, perda, dor e sofrimento. Nestas situações, o sujeito vê-se obrigado a mobilizar mecanismos como o isolamento, a renúncia do outro, a intelectualização ou a libidinização da palavra e da metáfora poética, para que se possa viver na solidão, fazendo face à ausência do outro. O evitamento fóbico da intimidade tornou pobre a vida relacional do poeta, que desde cedo teve de encontrar estratégias de sobrevivência psíquica para lidar com o vazio, o que o levou à criação dos seus primeiros heterónimos, aos 6 anos de idade.

Ao longo deste trabalho pretendemos esclarecer os motivos que levaram o poeta a alicerçar a sua personalidade numa base narcísica. Mas quando falamos de Fernando Pessoa fica sempre muito por dizer. Recordando as palavras do Professor Luís Delgado, poderíamos afirmar que Fernando Pessoa é uma “fonte inesgotável de investigação”, não só literária, mas também psicológica e psicanalítica. Por outro lado, também o narcisismo é um tema que tem sido alvo de inúmeras considerações, por parte de autores psicanalíticos.

Devido à riqueza das personagens criadas por Pessoa, também a heteronímia pode ser alvo de investigações mais aprofundadas acerca do estar só e da incapacidade de amar. As questões da identidade e da vivência do vazio parecem-nos temas pertinentes a ser estudados futuramente, assim como o significado simbólico que reveste o seu patriotismo e o seu lado mais místico. A pátria o berço, um continente, uma figura paterna/materna ideal, no fundo uma referência do que somos e de quem somos, mas também as raízes que ligavam o poeta a uma nação. Assim, afirmou “É através da fraternidade patriótica, (...) que geralmente nos sublimamos, ou sublimaremos, até à fraternidade com todos os homens” (Pessoa, 1986, p. 539).

Também o tema do desassossego Pessoa parece-nos pertinente e merecedor de desenvolvimentos futuros. Esse desassossego, esse estado de alma inquietante, essa “consciência de estar sofrendo” (Pessoa, 2006, p. 113), resultaram de um aprofundar de si mesmo, ficando por responder as questões: porquê esse desassossego? O que o provocou? É esse desassossego, essa angústia avassaladora responsável pela criação poética e literária de Pessoa? O que sabemos é que antes de ser poeta, Pessoa foi pessoa. E a pessoa que foi, ditou, sem dúvida, o poeta em que se tornou.

Outra questão a ser respondida prende-se com a actividade poética. A actividade poética surgiu para sublimar as angústias face ao vazio, à ausência do outro, preenchendo-o, ou, por outro lado, actuou perpetuando uma fuga ao real e arrastando o poeta para um mundo de solidão, para o mundo das trevas de Thanatos?

Porque afinal a maior solidão é a do ser que não ama. Quão só se sentiria Pessoa perante esta inconsciente incapacidade de amar? Pessoa, ser que se ausentou, que se defendeu, que se fechou no mundo da exacerbação da palavra escrita, recusando-se a participar da vida humana, da vida das emoções, da vida dos encontros, da partilha, da pulsão criadora da vida, da libido, de Eros...

Evocando as palavras de Vinícius de Moraes que inauguram este trabalho, podemos ainda afirmar que “A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo” (s.d.) e que, sem dúvida, “O maior solitário é o que tem medo de amar” (s.d.).

Não poderia terminar este trabalho, sem acrescentar a importante reflexão de Coimbra de Matos acerca do desenvolvimento afectivo, que, penso ser esclarecedora e auxiliar na compreensão da incapacidade de amar. Para este autor “a série que preside ao desenvolvimento afectivo é: ser amado – amar-se a si próprio – amar o outro”. Ao faltar o primeiro passo desta série, todos os outros estão condenados ao fracasso.

Acredito que, sem amor, somos seres tristes e em sofrimento. Mas que coisas fantásticas nos são permitidas construir, ainda assim... A obra de Fernando Pessoa, e o próprio poeta, servem-nos de exemplo, de como o sofrimento pode ser sublimado e transformado em arte, de como o feio, pode ser transformado em belo, de como as trevas podem ser iluminadas pelas mais belas palavras, resultado do acto criativo e criador.

Com este trabalho pretendeu-se reflectir acerca da pessoa que era Fernando, para compreender a origem da genialidade de Pessoa, poeta. Esperamos ter alcançado este objectivo ambicioso.

Referências

- Aberastury, A. (1984). A percepção da morte na criança e outros escritos. Porto Alegre: Artes médicas.
- Bateman, A. & Holmes, J. (1998). Introdução à psicanálise: teoria e prática contemporâneas. Lisboa: Climepsi.
- Bleichmar, H. (1987). Narcisismo: estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente. São Paulo: Artes médicas.
- Buss, D. (2009). The great struggles of life: Darwin and the emergence of evolutionary psychology. *American Psychologist*, 64 (2), 140-148.
- Chabert, C. (2000). A psicopatologia à prova no Rorschach. Lisboa: Climepsi.
- Coimbra de Matos, A. (2003). Esquizoidia e doença psicossomática. In: *Mais amor menos doença. A psicossomática revisitada*. Lisboa: Climepsi.
- Delgado, L. (2006). A dinâmica criativa através do Thematic Apperception Test. Sublimação, Reparação e Função Continente no Processo Criativo. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa/Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Fabião, C. (2007). Narcisismo defesas primitivas e separação. Lisboa: Climepsi.

Fonseca, F. (1990). Fernando Pessoa um poeta plural. In: *Psicologia da Criatividade*. Lisboa: Escher.

Freud, S. (1914). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud : (1914-1916) Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud : (1914-1916) Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud : (1937-1939) Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Green, A. (1988). Narcisismo de vida Narcisismo de morte. São Paulo: Editora Escuta.

Green, A. (1979). A angústia e o narcisismo. In: *Narcisismo de vida Narcisismo de morte*. São Paulo: Editora Escuta.

Instituto Camões, consultado a 08 de Abril de 2009

www.instituto-camoes.pt

Klein, M. (1937). Amor, culpa e reparação. In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- Laplanche, J. & Pontalis, J. (2008). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Malpique, C. (1987). Da capacidade de estar só. *Revista Portuguesa de Psicanálise*. Vol. 9, nº (1990), pp. 53-79.
- Malpique, C. (2007). *Fernando em Pessoa ensaios de reflexão psicanalítica*. Lisboa: Fenda edições.
- Mancia, M. (1990). No olhar de Narciso Ensaio sobre a memória, o afecto e a criatividade. Lisboa: Escher.
- Masuda, M. (2003). Meta-analyses of love scales: Do various love scales measure the same psychological constructs? *Japanese Psychological Research*, 45 (1), pp. 25-37.
- Morin, E. (1979). *O enigma do Homem, para uma Nova Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Murteira França, I. (1987). *Fernando Pessoa na intimidade*. Lisboa: Dom Quixote.
- Pessoa, F. (1986). *Obra Poética e em Prosa (Vol. III)*. Porto: Lello & Irmão – Editores.
- Pessoa, F. (1944). *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática.

Reis, H., Collins, W., & Bersheid, E. (2000). The relationship context of human behavior and development. *Psychological Bulletin*, 126 (6), 844-872.

Rosenfeld, H. (1971). Uma abordagem clínica para a teoria psicanalítica das pulsões de vida e de morte: uma investigação dos aspectos agressivos do narcisismo. In: *Melanie Klein Hoje* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Sternberg, R. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Social Psychology*, 27, pp. 313-335.

Vieira, J. & Zenith, R. (2008). Fotobiografias do século XX Fernando Pessoa. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.

Winnicott, D. (1958). A capacidade para estar só. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes médicas, 1988.

Zenith, R. (2006). Obra essencial de Fernando Pessoa Poesia do Eu. Lisboa: Assírio & Alvim.

Zenith, R. (2006). Livro do Desassossego. Lisboa: Assírio & Alvim.

Zimerman, D. (2001). Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise. São Paulo: Artmed.

Anexos

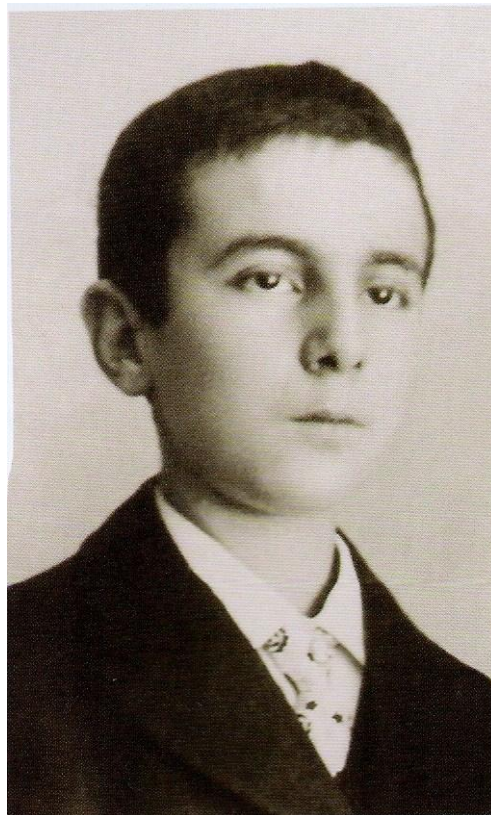
Anexo 1

Fotografias do poetaⁱ

ⁱAs fotografias e respectivas legendas foram retiradas de Vieira, J. & Zenith, R. (2008). Fotobiografias do século XX Fernando Pessoa. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.



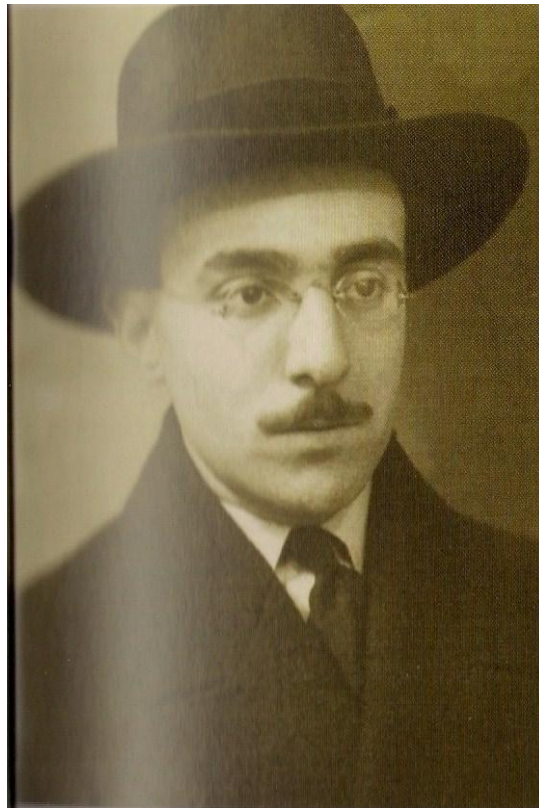
Pessoa com cerca de 12 meses



Pessoa aos 13 anos de idade



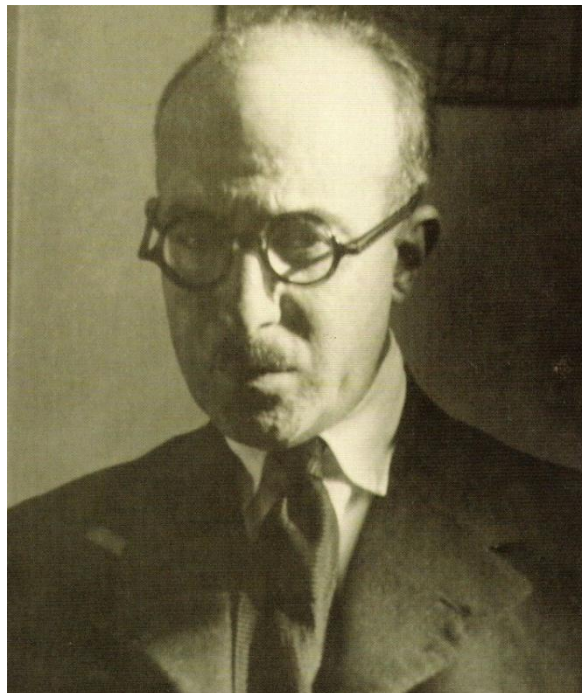
Pessoa aos 20 anos de idade



Pessoa aos 26 anos de idade



Pessoa aos 40 anos



Pessoa aos 47 anos



Pessoa circulando na Baixa lisboeta nos anos 20, uma das imagens de marca deixadas pelo poeta (Zenith & Vieira, 2008, p. 132).



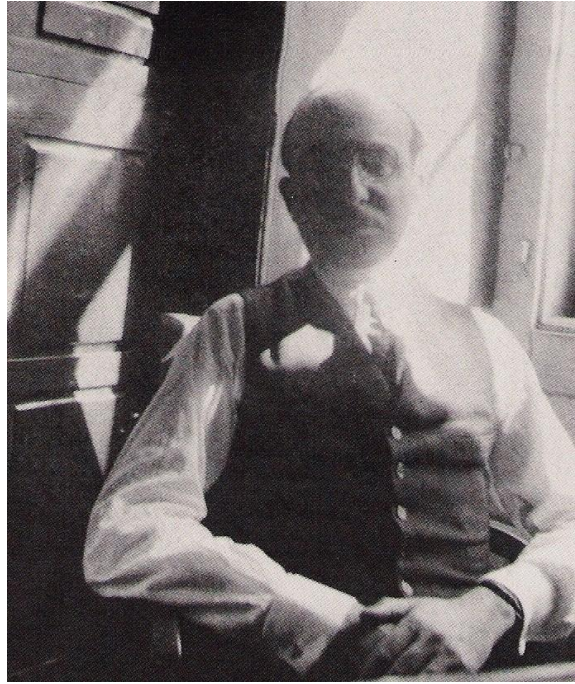
Pessoa descendo a rua Garrett em Lisboa



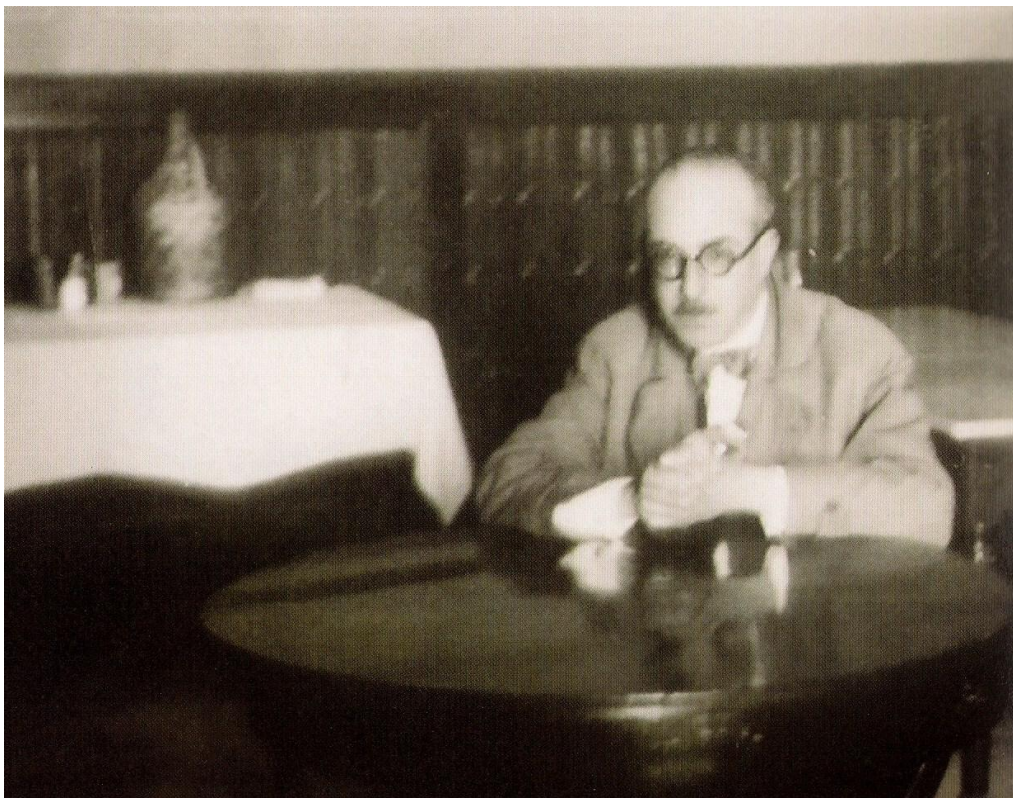
(...) apressada errância do poeta na zona do Rossio.



(...) apressada errância do poeta na Baixa Lisboa, que aparece como que fundido nesta paisagem urbana (...) ao cimo da Rua Garrett: “Amanhã eu também serei o que deixou de passar nestas ruas” (p. 142).



Pessoa em 1933



Pessoa no inevitável Martinho da Arcada durante os seus últimos anos, entregue à solidão que, no fundo, nunca terá deixado de o acompanhar ao longo de toda a sua vida (p. 170).



O poeta naquela que é considerada a sua última foto, feita em 1935 pelo amigo Augusto Ferreira Gomes, parece já ter-se deixado entregar a um destino irreversível (p. 171).



Fotografia do funeral de Fernando Pessoa

Anexo 2

Documento dactilografado, retirado da arca deixada pelo poeta

A. de C. (?)

ou L. do D. (ou outra cousa qualquer)

A arte é um esquivar-se a agir, ou a viver. A arte é a expressão intellectual da emoção, distincta da vida, que é a expressão volitiva da emoção. O que não temos, ou não ousamos, ou não conseguimos, podemos possuil-o em sonho, e é com esse sonho que fazemos arte. Outras vezes a emoção é a tal ponto forte que, embora reduzida a acção, a acção, a que se reduziu, não a satisfaz; com a emoção que sobra, que ficou inexpressa na vida, se fórma a obra de arte. Assim, ha dois typos de artista: o que exprime o que não tem, e o que exprime o que sobrou de que teve.

Herança do pequeno abalo na raiz do grande sismo: primeiro documento catalogado da arca deixada por Pessoa (p. 12).

Anexo 3

Carta manuscrita de Pessoa, dirigida a Ofélia Queirós

1920
ELIX, VALLADAS & FREITAS, L.^{da}

RUA DA ASSUMPÇÃO, 42, 2.º

LISSOIA

CORREIO
A. B. C. 47-25.º e RIBEIRO

Meu Bêta' querido:

Pelo papel só de onde te estão escrevendo.
Requiere-me aqui da chusca, e, como com isso atragei
vários casos que tenho que pagar, não poderei
ir às 6 horas, a Belém, acompanhar o Minis-
tro de Libras.

Estão um pouco melhor (de saúde, não de
juízo), mas ainda me sinto bastante mal de parte.

Amambé (só se dorme a outra casa -
que estou) passo na tua casa entre as 11 e as
11.30. Se o Bêta' quizesse estar a' jantar,
é o Minis'tro pensar. E não quizesse, não
é eu (é' author d' esta ultima' p'obra e não
quero mais levar de campo).

Que pena a fabrica em Belém não
ter telephono. Se tivesse eu poderei avisa-
te de que não ir, mas diria em que não
pudesse ir; e excusava a Mãe do Sr.
de esperar pelo Sr.

Adem, Bêta' queri dentar, sempre legítimo
do man' do teu e sempre teu

Fernando

22/5/1920.

Anexo 4

Carta manuscrita de Ofélia Queirós, dirigida a Pessoa

Fernandinho

Porque está tão mal disposto? Fiz ou
diz alguma coisa que o desgostasse?
Entriste-me mto. assim.

Infelizmente está perto a hora de me
ir embora mas que ainda hoje, beijasse,
e amanhã é Domingo!
Sem saudades!

Sua Guléria Lemina

6-8-920

Anexo 5

Carta de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues

Lisboa, 19 de Janeiro de 1915

Meu querido Amigo:

Há tempos que lhe ando prometendo uma extensa carta. Não sei mesmo se, especificando, lhe não falei numa carta de género psicológico, a meu próprio respeito. Em todo o caso, é disso que se trata.

Eu ando há muito – desde que lhe prometi esta carta – com vontade de lhe falar intimamente e fraternalmente do meu «caso», da natureza da crise psíquica que há tempos venho atravessando. Apesar da minha reserva, eu sinto a necessidade de falar nisto a alguém, e não pode ser a outro senão a você – isto porque só você, de entre todos quantos eu conheço, possui de mim uma noção precisamente no nível da minha realidade espiritual. Dá-se esta sua capacidade para me compreender porque você é, como eu, fundamentalmente um espírito religioso; e, dos que de perto literariamente me cercam, você sabe bem que (por superiores que sejam como artistas) como almas, propriamente, não contam, não tendo nenhum deles a consciência (que em mim é quotidiana) da terrível importância da Vida, essa consciência que nos impossibilita de fazer arte meramente pela arte, e sem a consciência de um dever a cumprir para com nós próprios e para com a humanidade.

Nesta explicação aparentemente preliminar vai já exposta uma grande parte do problema. Não sei como lho hei-de expor ordenadamente, de modo perfeitamente lúcido. Mas, como isto é uma carta, eu irei expando conforme possa; e você ordenará, em seu espírito, depois, os dispersos e alterados elementos.

A minha crise é do género das grandes crises psíquicas, que são sempre crises de incompatibilidade, quando não com os outros, por certo com nós próprios. A minha, agora, não é de incompatibilidade comigo próprio; a minha, gradualmente adquirida, autodisciplina, tem conseguido unificar dentro de mim quantos divergentes elementos do meu carácter eram susceptíveis de harmonização. Ainda tenho muito a empreender dentro do meu espírito; disto ainda muito de uma unificação como eu a quero. Mas, como disse, não é dessa banda que sopra o vento do meu desconsolo actual.

A crise de incompatibilidade com os outros - não, entenda-se desde já, uma incompatibilidade violenta, como a que resultasse de divergências declaradas, nítidas, de ambas as partes. Trata-se de outra cousa. A incompatibilidade é sentida por mim, dentro de mim, e é comigo que está o peso todo da minha divergência de aqueles que

me cercam. O facto de eu estar agora vivendo só, por não ter aqui família próxima (minha tia, em cuja casa eu estava, está na Suíça, onde foi ficar com a filha, que casou há pouco com um rapaz estudante, pensionista do Estado) vem agravar este estado de espírito, por me deixar a nu com a minha alma, sem afeições e interesses familiares próximos a desviar de mim a minha atenção.

Temos pois que vivo há meses numa contínua sensação de incompatibilidade profunda com as criaturas que me cercam - mesmo com as próximas, amigos, literários é claro, porque os outros não são indivíduos com quem eu tenha que poder ter intimidade espiritual e por isso como, em matéria de relações sociais, me dou bem com toda a gente, dou-me bem com eles.

Em ninguém que me cerca eu encontro uma atitude, para com a vida que bata certo com a minha íntima sensibilidade, com as minhas aspirações e ambições, com tudo quanto constitui o fundamental e o essencial do meu íntimo ser espiritual. Encontro, sim, quem esteja de acordo com actividades literárias que são apenas dos arredores da minha sinceridade. E isso não me basta. De modo que, à minha sensibilidade cada vez mais profunda, e à minha consciência cada vez maior da terrível e religiosa missão que todo o homem de génio recebe de Deus com o seu génio, tudo quanto é futilidade literária, mera arte, vai gradualmente soando cada vez mais a oco e a repugnante. Pouco a pouco, mas seguramente, no divino cumprimento íntimo de uma evolução cujos fins me são ocultos, tenho vindo erguendo os meus propósitos e as minhas ambições cada vez mais à altura daquelas qualidades que recebi. Ter uma acção sobre a humanidade, contribuir com todo o poder do meu esforço para a civilização vêm-se-me tornando os graves e pesados fins da minha vida. E, assim, fazer arte parece-me cada vez mais importante cousa, mais terrível missão - dever a cumprir arduamente, monasticamente, sem desviar os olhos do fim criador de civilização de toda a obra artística. E por isso o meu próprio conceito puramente estético da arte subiu e dificultou-se; exijo agora de mim muita mais perfeição e elaboração cuidada. Fazer arte rapidamente, ainda que bem, parece-me pouco. Devo à missão que me sinto uma perfeição absoluta no realizado, uma seriedade integral no escrito.

Passou de mim a ambição grosseira de brilhar por brilhar, e essa outra, grosseiríssima, e de um plebeísmo artístico insuportável, de querer épater. Não me agarro já à ideia do lançamento do Interseccionismo com ardor ou entusiasmo algum. É um ponto que neste momento analiso e reanaliso a sós comigo. Mas, se decidir lançar

essa quase blague, será já, não a quase blague que seria, mas outra cousa. Não publicarei o Manifesto «escandaloso». O outro – aquele dos gráficos – talvez. A blague só um momento, passageiramente, a um mórbido período transitório, de grosseria (felizmente incaracterística), me pode agradar ou atrair. Será talvez útil – penso – lançar essa corrente como corrente, mas não com fins meramente artísticos, mas, pensando esse acto a fundo, como uma série de ideias que urge atirar para a publicidade para que possam agir sobre o psiquismo nacional, que precisa trabalhado e percorrido em todas as direcções por novas correntes de ideias e emoções que nos arranquem à nossa estagnação. Porque a ideia patriótica, sempre mais ou menos presente nos meus propósitos, avulta agora em mim; e não penso em fazer arte que não medite fazê-lo para erguer alto o nome português através do que eu consiga realizar. É uma consequência de encarar a sério a arte e a vida. Outra atitude não pode ter para com a sua própria noção do dever quem olha religiosamente para o espectáculo triste e misterioso do Mundo.

Tenho-lhe explicado tudo isto muito mal. Quase que me tenta a ideia de rasgar esta carta onde, até, pouca justiça fiz a mim próprio. Mas você deve compreender o que eu sinto, e, creio, regozijar comigo, através da sua amizade, por esta minha evolução ascendente dentro de mim.

Regresso a mim. Alguns anos andei viajando a colher maneiras de sentir. Agora, tendo visto tudo e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade. Oxalá me [não] desvie disto o meu perigoso feitio demasiado multilateral, adaptável a tudo, sempre alheio a si próprio e sem nexos dentro de si.

Mantenho, é claro, o meu propósito de lançar pseudonimamente a obra Caeiro-Reis-Campos. Isso é toda uma literatura que eu criei e vivi, que é sincera, porque é sentida, e que constitui uma corrente com influência possível, benéfica incontestavelmente, nas almas dos outros. O que eu chamo literatura insincera não é aquela análoga à do Alberto Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos (o seu homem, este último, o da poesia sobre a tarde e a noite). Isso é sentido na pessoa de outro; é escrito dramaticamente, mas é sincero (no mais grave sentido da palavra) como é sincero o que diz o Rei Lear, que não é Shakespeare, mas uma criação dele. Chamo insinceras às cousas feitas para fazer pasmar, e às cousas, também - repare nisto, que é importante - que não contêm uma fundamental ideia metafísica, isto é, por onde não passa, ainda que como um vento, uma noção da gravidade e do mistério da Vida. Por

isso é sério tudo o que escrevi sob os nomes de Caeiro, Reis, Álvaro de Campos. Em qualquer destes pus um profundo conceito da vida, diverso em todos três, mas em todos gravemente atento à importância misteriosa de existir. E por isso não são sérios os Paúis, nem o seria o Manifesto interseccionista de que uma vez lhe li trechos desconexos. Em qualquer destas composições a minha atitude para com o público é a de um palhaço. Hoje sinto-me afastado de achar graça a esse género de atitude.

Que pouco lúcido e explícito tudo isto! Mas eu tenho que lhe escrever tudo rapidamente; é hoje o dia 19 e eu não quero deixar de conversar com o seu espírito sobre estas cousas. Como já disse, você é o único dos meus amigos que tem, a par daquela apreciação das minhas qualidades que lhe permitirá não julgar esta carta um documento de megalómano, a profunda religiosidade, e a convicção do doloroso enigma da Vida, para simpatizar comigo em tudo isto.

Escuso agora de lhe explicar o quanto esta atitude – que eu, aliás, não revelo, por várias razões, desde a de ser ela uma coisa íntima até à de ser incompreensível às sensibilidades dos que me cercam - me incompatibiliza surdamente com os que estão em meu redor. Não é uma incompatibilidade violenta, disse; mas é uma impaciência para com todos quantos fazem arte para vários fins inferiores, como quem brinca, ou como quem se diverte, ou como quem arranja uma sala com gosto – género de arte este que dá bem o que eu quero exprimir, porque não tem Além nem outro propósito que o, por assim dizer, decorativamente artístico. E daí a minha «crise» toda. Não é crise para eu me lamentar. É a de se encontrar só quem se adiantou de mais aos companheiros de viagem – desta viagem que os outros fazem para se distrair e acho tão grave, tão cheia de termos de pensar no seu fim, de reflectir no que diremos ao Desconhecido para cuja casa a nossa inconsciência guia os nossos passos... Viagem essa, meu querido Amigo, que é entre almas e estrelas, pela Floresta dos Pavores... e Deus, fim da estrada infinita, à espera no silêncio da Sua grandeza...

Bem ou mal – mal, por certo - expus-lhe tudo. Sinto-me contente por lhe ter falado assim, e porque sei que o seu espírito acolhe com simpatia e amizade estas minhas tristezas de altura. Tudo isto, escuso dizer-lhe, é segredo... De resto, a quem o poderia você contar? ...

Termino, a tempo felizmente. Mande-me quando puder, cuidadosamente copiados dos originais, os inéditos de Antero de que me fala. Pode ser que, tendo-os aqui, seja conveniente publicá-los nalguma parte. Haverá autorização para isso ? É bom saber-se.

Mando-lhe alguns versos meus... Leia-os e guarde-os para si... A seu Pai, se quiser, pode lê-los, mas não espalhe, porque são inéditos. Amo especialmente a última poesia, a da Ceifeira, onde consegui dar a nota paúlca em linguagem simples. Amo-me por ter escrito

Ah, poder ser tu, sendo eu!

Ter a tua alegre inconsciência,

E a consciência disso!...

e, enfim, essa poesia toda.

Tenho escrito mais, mas mando o que está completo e é mais fácil copiar. É pena que vá tudo em letra de máquina, que torna a poesia pouco poética, mas assim é mais rápido e nítido.

Escreva-me sempre, meu caro Côrtes-Rodrigues. Dê cumprimentos meus a seu Pai e receba um grande e fraterno abraço do seu

Fernando Pessoa

P.S. – Vi há dias uma esplêndida composição – «um tûmulo de Wagner» – do Norberto Correia. Bela deveras. Você gostaria imenso de a conhecer.

F. P.

P.S.2 – Não tenho tempo para reler esta carta. Naturalmente faltam palavras aqui e acolá, dada a rapidez com que eu escrevi. E a letra em altura nenhuma será muito legível. Você desculpe

F. P.

Anexo 6

Carta de Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro sobre a génese dos heterónimos

Caixa Postal 147

Lisboa, 13 de Janeiro de 1935

Meu prezado Camarada,

Muito lhe agradeço a sua carta, a que vou responder imediatamente e integralmente. Antes de, propriamente, começar, quero pedir-lhe desculpa de lhe escrever neste papel de cópia. Acabou-se-me o decente, é domingo, e não posso arranjar outro. Mas mais vale, creio, o mau papel que o adiamento.

Em primeiro lugar, quero dizer-lhe que nunca eu veria «outras razões» em qualquer coisa que escrevesse, discordando, a meu respeito, sou um dos poucos poetas portugueses que não decretou a sua própria infalibilidade, nem toma qualquer crítica que se lhe faça, como um acto de lesa-divindade. Além disso, quaisquer que sejam os meus defeitos mentais, é nula em mim a tendência para a mania da perseguição. Á parte isso, conheço já suficientemente a sua independência mental, que, se me é permitido dizê-lo, muito aprovo e louvo. Nunca me propus ser Mestre ou Chefe – Mestre, porque não sei ensinar, nem sei se teria que ensinar; Chefe, porque não sei estrelar ovos. Não se preocupe, pois, em qualquer ocasião, com o que tenha de dizer a meu respeito. Não procuro caves nos andares nobres.

Concordo absolutamente consigo em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz com um livro de natureza da *Mensagem*. Sou, de facto, um nacionalista místico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradição com isso, muitas outras coisas. E essas coisas, pela mesma natureza do livro, a *Mensagem* não as inclui.

Comecei por esse livro as minhas publicações pela simples razão de que foi o primeiro livro que consegui, não sei porquê, ter organizado e pronto. Como estava pronto, devo dizer, com os olhos postos no prémio do Secretariado, embora nisso não houvesse pecado intelectual de maior. O meu livro estava pronto em Setembro, e eu julgava, até, que não poderia concorrer ao prémio, pois ignorava que o prazo para a entrega dos livros, que primitivamente fora até ao fim de Julho, fora alargado até ao fim de Outubro. Como, porém, em fim de Outubro já havia exemplares da *Mensagem*, fiz entrega dos que o Secretariado exigia. O livro estava exactamente nas condições (nacionalismo) de concorrer. Concorri.

Quando às vezes pensava na ordem de uma futura publicação de obras minhas, nunca um livro do género de *Mensagem* figurava em número um. Hesitava entre se

deveria começar por um livro de versos grandes – um livros de umas 350 páginas -, englobando as diversas subpersonalidades de Fernando Pessoa ele mesmo, ou se deveria abrir com uma novela policiaria, que ainda não consegui completar.

Concordo consigo, disse, em que não foi feliz a estreia, que de mim mesmo fiz com a publicação da *Mensagem*. Mas concordo com os factos que foi a melhor estreia que eu poderia fazer. Precisamente porque esta faceta – em certo modo secundária – da minha personalidade não tinha nunca sido suficientemente manifestada nas minhas colaborações em revistas (excepto no caso do *Mar Português*, parte deste mesmo livro) – precisamente por isso convinha que ela aparecesse, e que aparecesse agora. Coincidiu, sem que eu o planeasse ou o premeditasse (sou incapaz de premeditação prática), com um dos momentos críticos (no sentido original da palavra) da remodelação do subconsciente nacional. O que fiz por acaso e se completou por conversa, fora exactamente talhado, com a Esquadria e o Compasso, pelo Grande Architecto.

(Interrompo. Não estou doido nem bêbado. Estou, porém, escrevendo directamente, tão depressa quanto a máquina mo permite, e vou-me servindo das expressões que me ocorrem, sem olhar a que literatura haja nelas. Suponha – e fará bem em supor, porque é verdade – que estou simplesmente falando consigo.)

Respondo agora directamente às suas três perguntas: (1) Plano futuro da publicação das minhas obras, (2) génese dos meus heterónimos, e (3) ocultismo.

Feita, nas condições que lhe indiquei, a publicação da *Mensagem*, que é uma manifestação unilateral, tenciono prosseguir da seguinte maneira. Estou agora completando uma versão totalmente remodelada do *Banqueiro Anarquista*; essa deve estar pronta em breve e conto, desde que esteja pronta, publicá-la imediatamente. Se assim fizer, traduzo imediatamente este escrito para inglês, e vou ver se o posso publicar em Inglaterra. Tal qual deve ficar, tem probabilidades europeias. (Não tome este frase no sentido de Prémio Nobel imanente.) Depois – e agora respondo propriamente à sua pergunta, que se reporta a poesia – tenciono, durante o Verão, reunir o tal grande volume dos poemas pequenos do Fernando Pessoa ele mesmo, e ver se o consigo publicar em fins do ano em que estamos. Será esse o volume que o Casais Monteiro espera, e é esse que eu mesmo desejo que se faça. Esse, então, será as facetas todas, excepto a nacionalista, que a *Mensagem* já manifestou.

Referi-me, como viu, ao Fernando Pessoa só. Não penso nada do Caeiro, do Ricardo Reis ou do Álvaro de Campos. Nada disso poderei fazer, no sentido de publicar, excepto quando (ver mais acima) me for dado o Prémio Nobel. E contudo –

penso-o com tristeza – pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental vestida de música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida. Pensar, meu querido Casais Monteiro, que todos estes têm que ser, na prática da publicação, preteridos pelo Fernando Pessoa, impuro e simples!

Creio que respondi à sua primeira pergunta.

Se fui omissos, diga em quê. Se puder responder, responderei. Mais planos não tenho, por enquanto. E, sabendo eu o que são e em que dão os meus planos, é caso para dizer, *Graças a Deus!*

Passo agora a responder à sua pergunta sobre a génese dos meus heterónimos. Vou ver se consigo responder-lhe completamente.

Começo pela parte psiquiátrica. A origem dos meus heterónimos é o fundo traço de histeria que existe em mim. Não sei se sou simplesmente histérico, se sou, mais propriamente, um histeroneurasténico. Tendo para esta segunda hipótese, porque há em mim fenómenos de abulia que a histeria, propriamente dita, não enquadra no registo dos seus sintomas. Seja como for, a origem mental dos meus heterónimos está na minha tendência orgânica e constante para a despersonalização e para a simulação. Estes fenómenos – felizmente para mim e para os outros – mentalizaram-se em mim; quero dizer, não se manifestam na minha vida prática, exterior e de contacto com os outros; fazem explosão para dentro e vivo-os eu a sós comigo. Se eu fosse mulher – na mulher os fenómenos histéricos rompem em ataques e coisas parecidas – cada poema de Álvaro de Campos (o mais histericamente histérico de mim) seria um alarme para a vizinhança. Mas sou homem – e nos homens a histeria assume principalmente aspectos mentais; assim tudo acaba em silêncio e poesia...

Isto explica, *tant bien que mal*, a origem orgânica do meu heteronimismo. Vou agora fazer-lhe a história directa dos meus heterónimos. Começo por aqueles que morreram, e de alguns dos quais já não me lembro – os que jazem perdidos no passado remoto da minha infância quase esquecida.

Desde criança, tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos.) Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que

chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar.

Lembro, assim, o que me parece ter sido o meu primeiro heterónimo, ou antes, o meu primeiro conhecido inexistente – um certo *Chavalier de Pas* dos meus seis anos, por quem escrevia cartas dele a mim mesmo, e cuja figura, não inteiramente vaga, ainda conquista aquela parte da minha afeição que confina com a saudade. Lembro-me, com menos nitidez, de uma outra figura, cujo nome já não me ocorre mas que o tinha estrangeiro também, que era não sei quê, um rival do *Chevalier de Pas*... Coisas que acontecem a todas as crianças? Sem dúvida – ou talvez. Mas a tal ponto as vivi que as vivo ainda, pois que as relembro de tal modo que é mister um esforço para me fazer saber que não foram realidades.

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem eu suponho que sou. Dizia-o, imediatamente, espontaneamente, como sendo de certo amigo meu, cujo nome inventava, cuja história acrescentava, e cuja figura – cara, estatuto, traje e gesto – imediatamente eu via diante de mim. E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, ouço, sinto, vejo. Repito: ouço, sinto, vejo... E tenho saudades deles.

(Em eu começando a falar – e escrever à máquina é para mim falar -, custa-me a encontrar o travão. Basta de maçada para si, Casais Monteiro! Vou entrar na génese dos meus heterónimos literários, que é afinal, o que V. quer saber. Em todo o caso, o que vai dito acima dá-lhe a história da mãe que os deu à luz.)

Aí por 1912, salvo erro (que nunca pode ser grande), veio-me à ideia escrever uns poemas de índole pagã. Esbocei umas coisas em verso irregular (não no estilo Álvaro de Campos, mas num estilo de meia irregularidade), e abandonei o caso. Esboçara-se-me, contudo, numa penumbra mal urdida, um vago retrato da pessoa que estava a fazer aquilo. (Tinha nascido, sem que eu soubesse, o Ricardo Reis.)

Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro – de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como, em qualquer espécie de realidade. Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de

1914 – acerquei-me de uma cómoda alta, e tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. E tanto assim que, escritos que foram esses trinta e tantos poemas, imediatamente peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas que constituem a *Chuva Oblíqua*, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa-Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sai própria inexistência como Alberto Caeiro.

Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o *via*. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo individuo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a *Ode Triunfal* de Álvaro de Campos – a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.

Criei, então, uma *coterie* inexistente. Fixei aquilo tudo em moldes de realidade. Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim, e parece que assim ainda se passa. Se algum dia eu puder publicar a discussão estética entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos, verá como eles são diferentes, e como eu não sou nada na matéria.

Quando foi da publicação de *Orpheu*, foi preciso, à última hora, arranjar qualquer coisa para completar o número de páginas. Sugeri então ao Sá-Carneiro que eu fizesse um poema «antigo» do Álvaro de Campos – um poema de como o Álvaro de Campos seria antes de ter conhecido Caeiro e ter caído sob a sua influência. E assim fiz o *Opiário*, em que tentei dar todas as tendências latentes do Álvaro de Campos, conforme haviam de ser depois reveladas, mas sem haver ainda qualquer traço de contacto com o seu mestre Caeiro. Foi, dos poemas que tenho escrito, o que me deu

mais que fazer, pelo duplo poder de despersonalização que tive de desenvolver. Mas, enfim, creio que não saiu mau, e que dá o Álvaro em botão...

Creio que lhe expliquei a origem dos meus heterónimos. Se há porém qualquer ponto em que precisa de um esclarecimento mais lúcido – estou escrevendo depressa, e quando escrevo depressa não sou muito lúcido - , diga, que de bom grado lho darei. E, é verdade, um complemento verdadeiro e histórico: ao escrever certos passos das *Notas para recordação do meu Mestre Caeiro*, do Álvaro de Campos, tenho chorado lágrimas verdadeiras. É para que saiba com quem está lidando, meu caro Casais Monteiro!

Mais uns apontamentos nesta matéria... Eu *vejo* diante de mim, no espaço incolor mas real do sonho, as caras, os gestos de Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Construí-lhes as idades e as vidas. Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e do mês, mas tenho-os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil. Alberto Caeiro nasceu em 1889 e morreu em 1915; nasceu em Lisboa mas viveu quase toda a sua vida no campo. Não teve profissão, nem educação quase alguma. Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 (às 1.30 da tarde, diz-me o Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo). Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa em inactividade. Caeiro era de estatura média, e, embora realmente frágil (morreu tuberculoso) não parecia tão frágil como era. Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte, mas seco. Álvaro de Campos é alto (1,75 m de altura, mais dois cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada todos – o Caeiro louro sem cor, olhos azuis; Reis de vago moreno mate; Campos, entre o branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo. Caeiro, como disse, não teve mais educação que quase nenhuma – só instrução primária; morreram-lhe cedo o pai e a mãe, e deixou-se ficar em casa, vivendo de uns pequenos rendimentos. Vivia com uma tia velha, tia-avó. Ricardo Reis, educado num colégio de jesuítas, é, como disse, médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monárquico. É um latinista por educação alheia, e um semi-helenista por educação própria. Álvaro de Campos teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias fez a viagem a Oriente de onde resultou o *Opiário*. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre.

Como escrevo em nome destes três? Caeiro, por pira e inesperada inspiração, sem saber ou sequer calcular que iria escrever. Ricardo Reis, depois de uma deliberação

abstracta, que subitamente se concretiza numa ode. Campos, quando sinto um súbito impulso para escrever e não sei o quê. (O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de *ténue* à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer «eu próprio» em vez de «eu mesmo», etc. Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. O difícil para mim é escrever a prosa de Reis – ainda inédita – ou de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea em verso.)

Nesta altura estará o Casais Monteiro pensando que má sorte o fez cair, por leitura, em meio de um manicómio. Em todo o caso, o pior de tudo isto é a incoerência com que o tenho escrito. Repito, porém: escrevo como se estivesse falando consigo, para que possa escrever imediatamente. Não sendo assim, passariam meses sem eu conseguir escrever.

Falta responder à sua pergunta quanto ao ocultismo. Pergunta-me se creio no ocultismo. Feita assim, a pergunta não é bem clara; compreendo porém a intenção e a ela respondo. Creio na existência de mundos superiores ao nosso e de habitantes nesses mundos, em existências de diversos graus de espiritualidade, subtilizando-se até se chegar a um Ente Supremo, que presumivelmente criou este mundo. Pode ser que haja outros Entes, igualmente supremos, que hajam criado outros universos, e que esses universos co-existam com o nosso, interpenetradamente ou não. Por estas razões, e ainda outras, a Ordem Externa do ocultismo, ou seja a Maçonaria, evita (excepto a Maçonaria Anglo-Saxónica) a expressão «Deus», dadas as suas implicações teológicas e populares, e prefere dizer «Grande Arquitecto do Universo», expressão que deixa em branco o problema de se ele é Criador ou simplesmente Governador, do mundo. Dadas essas escalas de seres, não creio na comunicação directa com Deus, mas, segundo a nossa afinação espiritual, poderemos ir comunicando com seres cada vez mais altos. Há três caminhos para o oculto: o caminho mágico (incluindo práticas como as do espiritismo, intelectualmente ao nível da bruxaria, que é magia também), caminho esse extremamente perigoso, em todos os sentidos; o caminho místico, que não tem

propriamente perigos, mas é incerto e lento; e o que se chama o caminho alquímico, o mais difícil e o mais perfeito de todos, porque envolve uma transmutação da própria personalidade que a *prepara*, sem grandesriscos, antes com defesas que os outros caminhos não têm. Quanto a «iniciação» ou não, posso dizer-lhe só isto, que não sei se responde à sua pergunta: não pertença a Ordem Iniciática nenhuma. A citação, epigrafe ao meu poema *Eros e Psyche*, de um trecho (traduzido, pois o Ritual é em latim) do Ritual do Terceiro Grau da Ordem Templária de Portugal, indica simplesmente – o que é facto – que me foi permitido folhear os Rituais dos três primeiros graus dessa Ordem, extinta, ou em dormência, desde cerca de 1888. se não estivesse em dormência, eu não citaria o trecho do ritual, pois se não devem citar (indicando a origem) trechos de Rituais que estão em trabalho.

Creio assim, meu querido Camarada, ter respondido, ainda com certa incoerência às suas perguntas. Se há outras que deseja fazer, não hesite em fazê-las. O que poderá suceder, e isso me desculpará desde já, é não responder tão depressa.

Abraça-o camarada que muito o estima e admira,

Fernando Pessoa.

P.S. (!!!)

Além da cópia que normalmente tiro para mim, quando escrevo à maquina de qualquer carta que envolve explicações da orden das que esta contém, tirei uma cópia suplementar, tanto para o caso de esta carta se extraviar, como para o de, possivelmente, ser-lhe precisa para qualquer outro fim. Essa cópia está sempre às suas ordens.

Outra coisa. Pode ser que, para qualquer estudo seu, ou outro fim análogo, o Casais Monteiro precise, no futuro, de citar qualquer passo desta carta. Fica desde já autorizado a fazê-lo, *mas com uma reserva*, e peço-lhe licença para lha acentuar. O parágrafo sobre o ocultismo, na página 7 da minha carta, não pode ser reproduzido em letra impressa. Desejando responder o mais claramente possível à sua pergunta, saí propositadamente um pouco fora dos limites que são naturais nesta matéria. Trata-se de uma carta particular, e por isso não hesitei em fazê-lo. Nada obsta a que leia esse parágrafo a quem quiser, desde que essa outra pessoa obedeça também ao critério de

não reproduzir em letra impressa o que nesse parágrafo vai escrito. Creio que posso contar consigo para tal fim negativo.

Continuo em dívida para consigo da carta ultra-devida sobre os seus últimos livros. Mantenho o que creio que lhe disse na minha carta anterior: quando agora (creio que será só em Fevereiro) passar alguns dias no Estoril, porei essa correspondência em ordem, pois estou em dívida, nessa matéria, não só para consigo, mas também com várias outras pessoas.

Ocorre-me perguntar de novo uma coisa que já lhe perguntei e que me não respondeu: recebeu os meus folhetos de versos em inglês, que há tempos lhe enviei?

«Para meu governo», como se diz em linguagem comercial, pedia-lhe que me indicasse o mais depressa possível que recebeu esta carta. Obrigado.

F. Pessoa.